

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

LARISSA VERBISCK ALCÂNTARA BONFIM

**DANÇA E GÊNERO NAS QUADRILHAS JUNINAS: Um estudo de caso sobre os
lugares das mulheridades na Quadrilha Junina Raio de Sol-PE**

Recife

2025

LARISSA VERBISCK ALCÂNTARA BONFIM

**DANÇA E GÊNERO NAS QUADRILHAS JUNINAS: um estudo de caso sobre os
lugares das mulheridades na Quadrilha Junina Raio de Sol-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais (Licenciatura) da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Hugo Menezes Neto

Recife, 2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Bonfim, Larissa Verbisck Alcântara .

DANÇA E GÊNERO NAS QUADRILHAS JUNINAS: um estudo de caso
sobre os lugares das mulheridades na Quadrilha Junina Raio de Sol-PE /
Larissa Verbisck Alcântara Bonfim. - Recife, 2025.

59 : il.

Orientador(a): Hugo Menezes Neto

Coorientador(a): - -

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Ciências Sociais -
Licenciatura, 2025.

Inclui referências, apêndices.

1. Ciências Sociais. 2. Antropologia. 3. Cultura Popular. 4. Gênero. 5.
Quadrilha Junina. 6. Quadrilha Junina Raio de Sol. I. Neto, Hugo Menezes.
(Orientação). II. -, -. (Coorientação). IV. Título.

500 CDD (22.ed.)

LARISSA VERBISCK ALCÂNTARA BONFIM

DANÇA E GÊNERO NAS QUADRILHAS JUNINAS: um estudo de caso sobre os lugares das mulheridades na Quadrilha Junina Raio de Sol-PE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais (Licenciatura) da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Aprovado em: 11 de abril de 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Hugo Menezes Neto (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Christina Gladys de M. Nogueira (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Roberto Nascimento (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

A minha mãe (*in memoriam*) por sempre me incentivar a percorrer meus caminhos. Nas pegadas do tempo pude reconhecer a beleza nas distâncias e aproximações entre nossos passos.

A Lais por estar ao meu lado no passado, no presente e no futuro. Fiz morada longe de onde nasci para transformar a minha vida e as minhas percepções das problemáticas sociais provocada pelo o que o seu mundo me trouxe. Chegamos juntas aqui e muito além do imaginado, meu amor.

AGRADECIMENTOS

É com muita alegria que apresento este trabalho que encerra um ciclo iniciado em 2017. Foram muitas as pessoas importantes que estiveram comigo nesta jornada de formação em Licenciatura em Ciências Sociais. Em primeiro lugar, salve a Jurema Sagrada e todos os meus guias que me protegem e abrem os caminhos pelos quais devo percorrer. Pai Anderson, sua benção.

Agradeço a todos os docentes com quem pude aprender sobre Antropologia, Sociologia e Ciência Política ao longo do curso, em especial ao meu orientador Prof. Hugo Menezes. Agradeço meus colegas da turma 2017.2 e de outras: Marcella, Murilo, Joaquim, Petalla, Rafa, Derik, Borba, Alef, June, Nayara, Gabriel, Eduardo, Denilson, Andrey, Vitória, Laura, Gleyciane, Carol Dáfine, meu primo Odon, Gabriela Pimentel, e tantos outros, e principalmente Evelyn, Duda, Bia e Katarina. Tenho muitas lembranças boas do que vivemos e quero dizer que cada um de vocês faz parte da minha história. Também agradeço aos camaradas da UJC da época: Clayton, João, Heribaldo, Jones, Max, Rebeqa, Messias, Millena, Vitória, Amanda Palha e ao amigo Detu, por todas as vivências e aprendizados sobre política.

Agradeço a minha família, minha mãe Vera (*in memoriam*), meu pai José Ruben, minha irmã Camila e minha companheira Lais. Muito obrigada ao amigo Pedro Stempniewski por me acolher e arregaçar as mangas para me ajudar quando estava com dificuldade de iniciar. As amigas Nanda e Clarissa, por estarem ao meu lado nessa conciliação de trabalho com TCC e ao amigo Rodrigo Eiras pela escuta e conselhos no laguinho que tanto contribuíram para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Obrigada a família Raio de Sol, a Leila Nascimento e a toda direção e a cada integrante dessa quadrilha maravilhosa, obrigada meus amigos Roberto, Bruna, meu cavalheiro Berg, dançar o espetáculo “A engrenagem que nos move” nos arraiais com vocês tornou essa oportunidade ainda mais incrível. Essa experiência foi tão intensa e marcante em minha vida que motivou a existência desta pesquisa.

Por fim, muito obrigada a cada uma das mulheres quadrilheiras, integrantes da Raio de Sol em 2024, que de forma muito disponível e generosa concederam entrevistas para esta pesquisa: Bruna Souza, Larissa Pessôa, Marina Mello, Maylanna Caldas, Mayara Santos, Joane Orlando, Emanuele Catarine (Cacá). Suas vozes são a principal estrutura desse texto que se propõe a discutir o lugar das mulheridades nas quadrilhas juninas.

RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal de Pernambuco, intitulado “Dança e gênero nas quadrilhas juninas: um estudo de caso sobre os lugares das mulheridades na Quadrilha Junina Raio de Sol-PE”, discute a representação da mulher nesta dança de pares na qual o binarismo de gênero é evidente: damas, com suas saias, performam ideais de feminilidade. Neste espelhamento social, no qual são problematizadas as normatizações, os matrimônios na vida real e os casórios tradicionais nos arraiais como instituições fundantes do patriarcado, paradoxalmente revelam-se a força das resistências e potências das mulheridades nesta manifestação cultural. A partir de Butler (2022) e Scott (1996) conceitos de performatividade e gênero são delineados para a compreensão desse festejo como espaço de encenação que reproduz e também tensiona as estruturas hegemônicas que ditam os lugares das mulheres na sociedade ocidental. Como caminho metodológico foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com mulheres quadrilheiras que compartilham suas percepções e perspectivas sobre o tema e assim foram tratados os elementos trazidos por elas, suas realidades e realizações, a importância da saia e suas significações, entre outros dados, de forma a indagar, os lugares políticos das mulheridades no contexto das quadrilhas juninas.

Palavras-chaves: Quadrilha junina; cultura popular; mulheridades.

ABSTRACT

This undergraduate thesis in Social Sciences at the Federal University of Pernambuco, titled “*Dance and Gender in Quadrilhas Juninas: a case study on the places of womanhood in the Quadrilha Junina Raio de Sol-PE*”, discusses the representation of women in this paired dance, where gender binarism is evident: ladies, with their skirts, perform ideals of femininity. In this social mirroring, which problematizes norms, real-life marriages, and traditional weddings in *arraiais* as founding institutions of patriarchy, the strength of resistance and the power of womanhoods paradoxically emerge within this cultural manifestation. Drawing from Butler (2022) and Scott (1996), the concepts of performativity and gender are outlined to understand this festivity as a performative space that both reproduces and challenges the hegemonic structures that dictate women's roles in Western society. Methodologically, semi-structured interviews were conducted with *quadrilheira* women who shared their perceptions and perspectives on the topic. Their experiences, realities, and achievements were analyzed, as well as the significance of the skirt and its meanings, among other aspects, in order to question the political spaces of womanhoods within the context of *quadrilhas juninas*.

Keywords: *Quadrilha Junina*; popular culture; womanhoods.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 - QUADRILHAS JUNINAS: REFLEXOS E ATRAVESSAMENTOS NOS ESPELHAMENTOS SOCIAIS	20
1.1 Dança, cultura popular e as representações de gênero.....	23
1.2 Matrimônios na vida social e casórios no arraial: espelhos do patriarcado...26	
1.3 Espelhos trincados: experiências quadrilheiras.....	31
2. SER DAMA: CHARMES E GINGADOS	33
2.1 - Saia: entre realizações e realidades.....	42
2.2 - Lugares políticos das mulheridades no contexto das quadrilhas juninas.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
APÊNDICE	60

INTRODUÇÃO

Este trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal de Pernambuco, intitulado “Dança e gênero nas quadrilhas juninas: um estudo de caso sobre os lugares das mulheridades na Quadrilha Raio de Sol-PE”, trata-se de um longo cordão de bandeirinhas coloridas de São João. Uma ponta está amarrada lá em Santo André e São Paulo, um nó atado na minha origem materna, onde nasci, cresci, me formei em Dança e tive experiências profissionais nessa área; outra ponta está conectada a minha família paterna pernambucana, minha decisão pela mudança para Recife em 2017 e o ingresso nesta segunda graduação. Estico e entrelaço este cordão com o que pude aprender sobre antropologia no encontro com docentes como Prof. Hugo Menezes Neto, Profa. Lady Selma Albernaz, Prof. Francisco de Sá Barreto, Profa. Laure Garrabé, Profa. Christina Gladys e com todas as demais vivências que este momento formativo pode me proporcionar. Cruzo bandeirinhas no ar em todos os arraiais nos quais me emocionei com as quadrilhas que assisti e amarro mais uma ponta no ano de 2024, oportunidade ímpar de fazer parte da Quadrilha Junina Raio de Sol, com o espetáculo “A engrenagem que nos move”.



Espectáculo “A engrenagem que nos move” - Quadrilha Junina Raio de Sol.

Foto: acervo Raio de Sol

Com suas origens no final da década de 1980, na periferia de Olinda, esta quadrilha surge na escolinha pantera cor de rosa, a partir da iniciativa de Alana

Nascimento. Em 1996, recebe o nome de Raio de Sol, e com as contribuições do marcador Boni, passa a disputar os primeiros concursos como quadrilha estilizada. Leiliane Nascimento, filha de Alana, coreógrafa e noiva da quadrilha Raio de Sol, compartilha que “a Quadrilha Raio de Sol, acompanhando o crescimento dos/as seus componentes, passou à categoria adulta quando a maioria deles/as ultrapassou os 15 anos”. (NASCIMENTO, 2013). Este momento ocorreu em 2002 e, desde então, o grupo vem se consolidando como referência nacional no universo junino. Em 2024, com a apresentação “A engrenagem que nos move”, inspirada nas mesas de bonecos do mestre Saúba, foi vencedora do 38º Concurso de Quadrilhas Juninas Adultas da Prefeitura do Recife no Sítio da Trindade e da etapa Regional do Concurso Rede Globo de Quadrilhas Juninas.

O interesse pela cultura popular sempre fez parte de minha história com a Dança. Em minha formação inicial e continuada tive contato com danças como ciranda, coco, cavalo-marinho, frevo, maracatu e este entusiasmo foi, também, o que me trouxe para Pernambuco. Assim que cheguei, busquei participar de brinquedos e festas, conheci mestres e mestras e, nesse caminho, para minha surpresa, ouvi pela primeira vez alguém falar sobre quadrilha junina do jeito tal qual elas acontecem em nosso Estado e em diversas regiões do País. E foi assim que uma amiga me convidou para assistir a segunda etapa das eliminatórias do Festival de Quadrilhas Juninas da Rede Globo Nordeste no ginásio do Sesc Goiana em junho de 2017. Desde então, à exceção dos anos de pandemia de Covid 19, tornei-me uma espectadora assídua de quadrilhas juninas e nutri o profundo desejo de um dia dançar em um grupo até a escolha pela Raio de Sol.

Dançar na Quadrilha Junina Raio de Sol foi, definitivamente, um novo mundo da cultura popular que se abriu para mim. A experiência toda é definitivamente muito forte, desde os aprendizados nos intensos ensaios até as grandes emoções e encantamentos vividos durante cada apresentação nos arraiais.



Larissa Bonfim e seu cavalheiro Berg Santos. Junho de 2024. Foto: Jessé Rodrigues

Meus conhecimentos prévios a respeito de quadrilhas juninas eram restritos a contatos superficiais e escolares quando pequena na educação infantil e ensino fundamental anos iniciais. Diversos momentos questionei-me sobre minha desinformação sobre essa manifestação. Cheguei a ficar inconformada, como um concurso que é televisionado por uma emissora hegemônica não tem alcance no Estado de São Paulo? Comecei, então, a refletir sobre as periferias como produtoras dessa cultura e o protagonismo de corpos negros e dissidentes neste São João. Além disso, ao que parece, a consolidação histórica e contínua transformação das quadrilhas juninas percorre caminhos diferentes de outras manifestações que, a exemplo do frevo e do maracatu, já foram extremamente marginalizadas e depois remodeladas pelo Estado como símbolos de uma suposta identidade nacional.

As quadrilhas juninas são parte de um universo amplo e complexo. Menezes Neto (2009) propõe o termo 'movimento quadrilheiro' para debater dessa magnitude:

[...] em sua exuberância estética, formulação agonística, caráter integrativo e produção de identidades e subjetividades – intenso, grandioso e singular. Trata-se, tal movimento, de centenas de grupos, articulados em rede, inseridos em circuitos competitivos de caráter estadual, regional e nacional, que mobiliza juventudes na preparação anual dos espetáculos e, sobretudo, promovem interação entre pessoas de diversas orientações sexuais e de

gênero, reordenando as experiências coletivas e individuais. (Menezes Neto e Miranda, 2022, p. 215)

Devido a relevância para as áreas da Antropologia, Dança, Teatro, Patrimônio, Economia, Direitos Humanos, entre outras, a produção acadêmica sobre este campo é expressiva, embora não muito extensa. Nos últimos 5 anos, em pesquisa no google acadêmico com a palavra-chave 'quadrilha junina', foram encontrados 24 artigos, 9 trabalhos de conclusão de curso, 2 dissertações de mestrado e 3 teses de doutorado, sendo interessante destacar que a grande maioria dos trabalhos está concentrada na região Nordeste.

Como primeiro mergulho bibliográfico na literatura das ciências sociais sobre quadrilha junina, autores e autoras como Hayeska Barroso (2017, 2019), Hugo Menezes Neto (2009, 2022), Luciana Chianca (2007), Liana de Queiroz Melo (2018), Rafael Noleto (2016) e Thiago de Castro (2023) foram acessados e é intrigante notar como uma parcela significativa desses trabalhos dedicou-se a pesquisar a interface entre as quadrilhas juninas e as questões de gênero e sexualidade, com foco na população LGBTQIAP+.

Uma quadrilha junina é uma dança de pares, formando um “quadrado” como chamado pelos/as quadrilheiros/as, ou seja, são fileiras e colunas de damas e cavalheiros de modo compor uma forma quadrilátera no espaço. Nesses pares, o binarismo de gênero é evidente: damas, com suas saias e outros marcadores estéticos e performáticos dos ideais de feminilidade dançam com cavalheiros, que, em oposição complementar, expressam masculinidade na aparência, e em cada gesto cênico-coreográfico. É interessante observar que, apesar dessa ‘heterossexualidade e cisgeneridade coreográfica’ (Noleto, 2016), é indubitável o protagonismo de homens gays, mulheres trans e mulheres travestis performando damas nesta festa. Este conceito do autor Rafael Noleto (2016) revela o paradoxo no sentido de a quadrilha junina expressar marcas bem definidas de feminilidade e masculinidade na dança de casais heterossexuais em que um componente interpreta o papel de um homem e outro de uma mulher, quando efetivamente isto está posto coreograficamente, mas não necessariamente representa as vivências de gênero e sexualidade de seus participantes. Este fato torna-se, então, uma relevante questão e fonte de dedicação de muitas pesquisas que problematizam por um lado a reprodução da normatização de gênero e sexualidade contida nas

quadrilhas juninas e, por outro, o movimento de resistência e afirmação desses corpos ao ocupar tais espaços.

Pude reconhecer em minhas vivências de quadrilheira no ano de 2024 a predominância de homens cis, de maneira geral, no ambiente das quadrilhas. Eles habitualmente são lideranças, estão em cargos de direção, são marcadores, estão na organização dos concursos e dançando como cavalheiros e como damas, como também destaca o pesquisador do campo da dança e quadrilheiro Roberto Nascimento (2017). Esse ponto me chamou muita atenção, especialmente sendo eu uma mulher. Diante dessa constatação, almejei que o recorte deste trabalho estivesse voltado para as mulheridades.

O termo mulheridades, escolhido para esta pesquisa, contempla todas as possibilidades de 'ser mulher', como por exemplo mulheres lésbicas, mães solo, mulheres gordas, mulheres negras, mulheres trans, mulheres com deficiência, mulheres mais velhas etc, em um movimento de combate a exclusão da diversidade. Ele foi considerado mais adequado para esse texto em oposição ao uso da palavra 'mulher', já que existe o risco da compressão equivocada e universalizante dessa categoria que tende a visualização hegemônica de uma mulher sempre branca, jovem, heterossexual.

Menezes Neto e Miranda (2022) ressaltam a ausência de discussões sobre a expressão das mulheridades nas quadrilhas juninas, destacando uma crítica muito comum entre as lideranças de quadrilhas acerca da ausência de damas. Esses autores apontam para a dificuldade de participação de mulheres cis habitualmente relacionadas a cuidados com filhos, ciúme de marido, afazeres domésticos, sobrecarga de trabalho.

Outra inquietação que atravessou minhas experiências e está refletida no recorte dessa pesquisa foram as narrativas presentes no imaginário junino e o que elas trazem de elementos sobre ser mulher. As estereotípias femininas esperadas e executadas por essas corporalidades, das quais em parte como sapatão não me identifico, e a reprodução da sociedade patriarcal, machista e misógina nas histórias contadas nos arraiais, instigou a análise dos lugares políticos das mulheridades nas quadrilhas juninas através da observação participante e do diálogo com interlocutoras quadrilheiras.

Assim, são perguntas orientadoras da pesquisa: quais sentidos de feminilidade são produzidos pelo imaginário junino? Como se dão as vivências das

mulheres nas quadrilhas? Quais são as aproximações e distanciamentos dos estereótipos femininos e de que modo esse fator se apresenta como desafio ou realização para o engajamento na dança?

Diante dessas questões, a pesquisa tem como objetivo compreender a dinâmica de ocupação dos lugares das mulheridades nos grupos de quadrilhas juninas da atualidade, de modo a apreender como se dão essas experiências, suas potências e possíveis problematizações. Tendo em vista os limites da produção de um TCC, como caminho metodológico, escolhi aprofundar o estudo na Quadrilha Raio de Sol, uma importante representante do movimento quadrilheiro de Pernambuco. Para tanto, além das compreensões produzidas pela minha própria experiência enquanto dama dessa quadrilha, realizei entrevistas semiestruturadas com sete mulheres quadrilheiras, dançarinas da quadrilha junina Raio de Sol.

Essa delimitação foi feita pois, como citado anteriormente, sou brincante dessa quadrilha. Tendo em vista o pouco tempo disponível para a realização desta pesquisa de TCC no período 2024.2 no calendário da Universidade Federal de Pernambuco, nos pareceu uma escolha acertada a observação participante em uma quadrilha com a qual meu contato já está estabelecido e a construção de dados em andamento através de minhas próprias vivências como mulher quadrilheira.

Para a realização das entrevistas, como principal estratégia metodológica, selecionei mulheres com diferentes perfis e experiências de vida em termos de orientação sexual (heterossexuais, bissexuais, lésbicas) e de gênero (cis e trans), classe social, religião, raça, faixa etária, nível de escolaridade, mulheres mães, ou seja, uma maior diversidade possível, de modo a fomentar reflexões interseccionais e não recair em categorias generalizantes de mulher que representam a hegemônica mulher branca, cis, heterossexual. Por conhecer essas mulheres, ainda que algumas de maneira mais próxima e outras de maneira mais distante, observei que o contato com cada uma delas ocorreu com muita fluidez e facilidade no mês de janeiro de 2025. Todas se disponibilizaram prontamente e foram muito abertas, sendo possível um diálogo tranquilo e produtivo.

Como primeira e segunda pergunta da entrevista, para iniciar a conversa e antes propriamente de adentrar no recorte mais específico da pesquisa, ouvi sobre a relação de suas histórias de vida com suas histórias nas quadrilhas juninas e sobre como participar dessa manifestação influencia no seu cotidiano. Logo nesta abertura, então, testemunhei a enorme paixão envolvida nessas vivências

quadrilheiras. Todas verbalizaram extrema alegria, felicidade, empolgação e realização com esse dançar. São relatos de muita dedicação, superação de desafios, muita entrega e comprometimento. São narrativas que envolvem infâncias, famílias e sonhos. Com tais narrativas apresento, então, as minhas sete quadrilheiras interlocutoras:

Bruna Souza, 23 anos, mulher cis não-branca pansexual, é estudante do curso de licenciatura em Dança na Universidade Federal de Pernambuco e atua como performer, improvisadora e brincante da dança popular.

Então, eu tenho espetáculos guardados na minha memória que são muito importantes para mim, né? Que me marcaram muito na minha infância, na minha adolescência. E eu sempre tive muita vontade de participar desse universo, apesar de não ter muitas oportunidades naquele período. Mas aí, um espetáculo que me marcou muito foi o espetáculo “Questão de Fé”, que eu tive a oportunidade de assistir ainda criança, lá em 2012, a quadrilha Junina Raio de Sol, e desde aquele dia eu acho que nasceu alguma coisa dentro de mim, né, que pulsava e que me encaminhava para essa trajetória dentro do ciclo junino, ali alguma coisa já se costurava na minha vida e já crescia dentro de mim essa vontade, esse desejo de dançar. E aí, o ano de 2024, ele foi muito importante pra mim, porque eu revivi muitas memórias dentro de mim, muitas coisas aconteceram, coisas muito importantes assim pra mim. Em relação a tudo isso, foi como realizar um sonho mesmo. (Bruna)

Mayara Santos, 32 anos, mulher cis branca heterossexual, é mãe solo de um menino de 7 anos, Pedro Henrique, formada em serviço social trabalha como auxiliar administrativo no projeto de pedagogia ambiental da SUAPE.

Em relação à quadrilha, eu comecei no ciclo junino com 14 anos, por incentivo também de um vizinho meu, que era dono da quadrilha e perguntou a minha mãe se ela autorizava eu dançar a quadrilha. Mãe ficou assim meio balançada porque eu era muito novinha, tinha 14 anos. Do quadrado eu era a mais nova que tinha, mas aí ele ficou responsável de me levar e me trazer porque os ensaios eram em outro distrito de Ipojuca, era em Nossa Senhora do Ó. E ele ficou responsável por mim, então minha mãe autorizou [...] em 2002, eu dancei em duas quadrilhas, não sei como eu dei conta, mas eu consegui, dancei tanto daqui na quadrilha daqui de Ipojuca e dancei na Raio de Sol em 2022, como substituta de uma dama. (Mayara)

Larissa Pessôa, minha terceira interlocutora, 23 anos, mulher cis negra de pele clara bissexual, é estudante do curso de Licenciatura em Dança na Universidade Federal de Pernambuco e atua como coreógrafa, performer e brincante popular.

Então, sempre minha mãe me levava para o sítio da Trindade justamente para assistir os concursos de quadrilha. Então meu local de brincante com as

quadrilhas estilizadas estava muito ligada à torcida mesmo. Chegar no sítio da Trindade muito cedo, sentar na arquibancada e só sair depois da última (Larissa)

Maylanna Caldas, 33 anos, mulher cis branca lésbica, é casada com sua esposa que lhe apresentou a Raio de Sol. É professora de educação física e atualmente leciona aulas de natação infantil e adulto.

Eu sou tão apaixonada pela quadrilha que eu lembro que na época do meu TCC, era 2017, eu não deixei de dançar. Fiz um total esforço, o maior esforço do mundo para continuar dançando e elaborando o meu TCC, concluindo ele. Sem contar que no dia da minha apresentação no TCC, a Raio tinha participado do concurso em Goiânia. E a gente chegou em casa, eram 3 horas da manhã, e meu TCC iria ser apresentado às 7 horas da manhã, mas eu não deixei de ir. Cheguei em casa às 3 horas, tomei um banho, cochilei, acordei 5 e meia, só foi um cochilo mesmo, e corri para apresentar meu TCC. Mas eu não deixei de dançar quadrilha. [...] Quando começo os ensaios, eu sei que são seis a sete meses com disponibilidade total para quadrilha, ou seja, sem sair desde o final de semana, como de costume. Sempre aquele não posso, tenho ensaio. E também o porte físico acaba mudando, né? Porque com essa rotina de ensaios, a gente acaba pegando mais resistência, a gente acaba emagrecendo. Às vezes também eu não me alimento direito, né? No domingo. Mas eu acho que é uma coisa que vale muito a pena. E eu não abro mão de todo ano estar dançando, não. Apesar que sempre tem aquele domingo ou outro que eu digo, não vou dançar quadrilha mais ano que vem, mas sempre que começa os arraiais acaba uma apresentação eu já fico pensando, poxa, quero ano que vem já, o que será o ano que vem, com certeza eu vou dançar ano que vem, é sempre isso. (Maylanna)

Emanuele Catarine, conhecida como Cacá, 31 anos, mulher cis branca heterossexual, mãe de 4 filhos.

Eu era bem pequenininha, rapaz, e aí ele que me incentivou a dançar quadrilha, entendeu, aí comecei, que foi na Saí de Baixo, no bairro de onde eu moro, depois da Saí de Baixo, em 2004, eu fui pra Pingo d'Água, que também é no mesmo bairro, em 2006 depois passei pela Junina Brincantes, em 2009, 2008 na adulta foi o meu primeiro ano da adulta, no meu bairro também. Da Brincantes adulta depois eu fui pra Brincantes Mirim, foi um círculo, fui pra adulta e depois fui pra Mirim, em 2010. É que eu comecei em quadrilha de fora do bairro que foi da Dona Matuta então de 2010 pra cá eu sempre dancei em quadrilha de fora nunca mais dancei no bairro, passei 10 anos na Matuta, em 2017 comecei a dançar na Raio, aí dancei na Raio em 2017, voltei em 2018 pra Matuta e dancei em 2018, 2019 aí que foi quando veio a pandemia, né, em 2020, e aí passou esse período sem quadrilha, quando foi 2022, voltei para Raio de novo e estou lá até hoje. (Cacá)

Joane Orlando, minha sexta interlocutora, identifica-se como uma mulher travesti preta, 24 anos, fruto do axé, por ter sido nascida dentro da ancestralidade da jurema sagrada e do candomblé. É filha de Logun Edé, pedagoga de formação, atua enquanto professora de educação infantil, multiartista e arte educadora.

Eu fui construindo o meu percurso artístico dentro da quadrilha, que pra mim é o meu maior palco, é o grande palco da minha vida até hoje, tudo que eu aprendi enquanto ser humano que exala a arte, que cria a arte com outras pessoas, foi dentro de um espaço junino, foi a minha grande faculdade da vida. (Joane)

E, por fim, Marina Mello, mulher cis preta que trabalha como artesã.

Dançar quadrilha pra representa pra mim ALEGRIA, porque eu posso está com o maior problema que for mas quando chego no ensaio ou numa apresentação entro em outro mundo e tudo que não faz parte dele fica guardadinho por aquelas horas ou minutos e eu esqueço pra ser alegre, feliz. (Marina)

Nestas perguntas iniciais também ficou evidente a profunda admiração pela quadrilha junina Raio de Sol, ainda mais depois do ano de 2024 que, como dito por todas elas foi um ano “gratificante”, “grandioso”, sendo que diversas citaram a conquista de “finalmente conseguir um (concurso) regional, o único título que a Raio não tinha ainda”. Participar da mesma quadrilha e nutrir essa paixão por ela, evidentemente cria certas conexões e semelhanças em algumas experiências e pensamentos, no entanto essa pesquisa não pretende estar direcionada para essa quadrilha em particular, mas dialogou com essas mulheres para compreender seus lugares e vivências na manifestação quadrilha junina considerando inclusive suas histórias anteriores em outras quadrilhas.



Espectáculo “A engrenagem que nos move” - Quadrilha Junina Raio de Sol. 2024

Foto: acervo Raio de Sol

Trabalhar com entrevistas nesta pesquisa acadêmica em antropologia, sendo esse um recurso muito utilizado, fez, a princípio, com que eu lidasse com tamanha naturalização que só pude lembrar a real importância e complexidade quando estava de fato no processo. Observei, com surpresa, muitas das respostas obtidas e nelas aproximações e distanciamentos da minha própria percepção como mulher quadrilheira, afinal essa comparação tornou-se inevitável na medida em que também tive essa vivência no ano passado e me propus esse recorte de pesquisa para essa escrita. Permaneci atenta, então, para que as entrevistas não fossem tão fortemente influenciadas pelas minhas próprias expectativas como pesquisadora, evitando interpretações errôneas ou simplistas dos significados compartilhados pelas participantes. Como um caminho, foi necessário reconhecer minhas próprias posições e influências na construção do conhecimento antropológico, ao mesmo tempo em que busquei ampliar a escuta para o que estava sendo dito por cada entrevistada.

As entrevistas em pesquisas acadêmicas em antropologia possibilitam vias de compreensão e interpretação das práticas culturais e sociais de diferentes grupos humanos. Elas permitem às pessoas pesquisadoras se aproximarem das narrativas pessoais, significados culturais atribuídos às práticas cotidianas, visões de mundo e experiências vividas que não seriam capturadas por métodos puramente observacionais.

Para Clifford Geertz (2008) as entrevistas permitem acessar essas significações, funcionando como janelas para o universo simbólico de um grupo, destacando a importância de interpretar esses significados dentro de seus contextos culturais específicos. Segundo este autor e seu conceito de 'descrição densa', é proeminente a necessidade de ir além da superfície dos discursos e captar camadas de significados. "A análise cultural é (ou deveria ser) intrinsecamente uma tentativa de compreender as significações e não apenas as formas sociais, uma leitura dos significados que as pessoas atribuem às suas próprias ações." (Geertz, 2008, p. 14)

Deste modo, as entrevistas podem contribuir para a pesquisa ao revelar potências, desafios, contradições, desigualdades e resistências dentro dos contextos estudados, promovendo uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais.

O material investigado e sua análise está disposto nesse trabalho de conclusão de curso em dois capítulos. O primeiro capítulo intenciona posicionar as quadrilhas juninas como reflexos e atravessamentos dos espelhamentos sociais, ou seja como uma forma de acesso às complexidades culturais na quais ela se inscreve (Chianca, 2007), e delinea conceitos de performatividade e gênero, a partir de Butler (2022) e Scott (1996), fundamentais para compreensão da questão de pesquisa. No primeiro item, reflexões sobre outra manifestação da cultura popular disparam reflexões para o embasamento dos lugares das mulheres (Albernaz e Lima, 2013), bem como Nascimento (2017) contribui com a identificação e categorização das motivações para que homens cis brinquem vestidos de damas e/ou de personagens que emulam algum tipo de mulheridade na cultura popular de modo a instaurar críticas a respeito das imagens pejorativas, inferiorizadas e caricaturais do feminino nesses contextos. No segundo item, dando continuidade a metáfora do espelhamento, são problematizados os matrimônios na vida real e os casórios tradicionais nos arraiais, como representações de uma instituição fundante do patriarcado. Estes espelhos são trincados no subcapítulo seguinte, com as vozes das entrevistadas e a partilha das vivências das interlocutoras.

No segundo capítulo adentramos na questão do que é ser dama para as interlocutoras e como elas sentem e pensam sobre as características atribuídas a esse papel. No primeiro item desta segunda seção, com ênfase nas vozes das próprias brincantes, suas percepções e perspectivas, são tratados os elementos trazidos por elas, suas realidades e realizações, a importância da saia e suas significações, entre outros dados, de forma a indagar, no item seguinte, os lugares políticos das mulheridades no contexto junino. Por fim, são tecidas considerações sobre a reprodução das normatividades e estereótipos neste brinquedo popular e o modo como estão lado a lado, paradoxalmente, com a força das resistências e potências das mulheridades nesta manifestação cultural.

1 - QUADRILHAS JUNINAS: REFLEXOS E ATRAVESSAMENTOS NOS ESPELHAMENTOS SOCIAIS

As festas de São João são celebrações populares que acontecem principalmente no mês de junho, em homenagem a São João Batista, Santo Antônio e São Pedro. Com origens em celebrações pagãs na Europa, que marcavam o

solstício de verão no Hemisfério Norte, foram incorporadas pelo cristianismo na Idade Média. Quando trazidas para o Brasil pelos colonizadores portugueses, conectaram-se com tradições indígenas e africanas e tem, ao longo do tempo, se transformado em manifestações culturais com características únicas. Embora o caráter religioso tenha diminuído em algumas regiões, as festas de São João ainda mantêm procissões, missas e fogueiras acesas em devoção aos santos. Esses festejos estão relacionados a gratidão pelas colheitas e a renovação de esperanças, com comidas típicas feitas à base de milho, decorações com bandeirinhas coloridas, fogueiras e balões, músicas e danças como o forró, o xote e o baião, e especialmente as quadrilhas juninas, tema desta pesquisa.

A perspectiva apresentada neste trabalho distancia-se dos discursos convencionais de tradição e preservação comumente associados ao folclore, adotando uma abordagem que compreende os festejos como expressões culturais, identitárias e artísticas em constante transformação. Essas manifestações não são meramente preservações estáticas de um passado imutável, mas sim arenas simbólicas e dinâmicas, onde se entrelaçam e se atualizam memórias coletivas, afetos, formas de resistência e complexos processos de espelhamento social. Segundo Chianca (2007):

Tal como é realizada hoje em muitas cidades do Nordeste do Brasil, essa festa – que já foi correntemente associada ao autêntico folclore brasileiro num discurso romântico identificado algures (Ortiz, 1992) – é festa popular e também política, econômica, midiática. A “festa de São João” é, na perspectiva de nossa análise, uma possibilidade de acesso à complexidade social na qual ela se inscreve. (Chianca, 2007, p. 45)

Esse espelhamento se revela na maneira como as quadrilhas juninas não apenas refletem, mas também atravessam estruturas e normatividades de gênero presentes na sociedade ocidental, reproduzindo e, por vezes, tensionando os binarismos hegemônicos. Assim, os festejos tornam-se espaços de encenação e performances que ressoam valores, hierarquias e dinâmicas sociais. Gestos, corporalidade, vocalidade, vestiário e comportamento relacional desenham as performatividades, arsenal de disparo para as manifestações culturais.

O conceito de performatividade, amplamente discutido nos campos dos estudos culturais e de gênero, refere-se à ideia de que identidades e significados sociais não são dados fixos ou naturais, mas sim construídos e reiterados por meio

de práticas discursivas e comportamentais. Essa noção foi desenvolvida, sobretudo, a partir das contribuições de Judith Butler (1990), onde a autora argumenta que o gênero não é algo que um indivíduo possui, mas sim algo que se faz repetidamente através de performances cotidianas. Para a autora, a performance do gênero ocorre dentro de um quadro normativo que limita e possibilita ao mesmo tempo a constituição das identidades, evidenciando que as práticas repetidas podem tanto reforçar quanto subverter as normas sociais dominantes.

Uma norma opera dentro das práticas sociais como o padrão implícito de normalização. Embora uma norma possa ser analiticamente separável das práticas em que se insere, pode também revelar-se resistente a qualquer esforço de descontextualização do seu funcionamento. As normas podem ou não ser explícitas e quando operam como o princípio normalizador em práticas sociais, elas em geral permanecem implícitas, difíceis de ler, discerníveis de forma mais clara e dramática nos efeitos que produzem. (Butler, 2022, p. 75)

No contexto das Quadrilhas Juninas, a performatividade pode ser analisada como um processo em que as representações de gênero são encenadas, reiteradas e, por vezes, tensionadas. As coreografias, os figurinos e os papéis tradicionalmente binários — como o casal heterossexual composto pelo "marido" e a "esposa" — são expressões performativas de um modelo social de gênero hegemônico, mas que também podem abrir brechas para a resignificação dessas normas com a presença de corpos dissidentes no jogo da representação binária. Essa perspectiva permite compreender como as manifestações culturais não apenas refletem a sociedade, mas também atuam como espaços de reprodução e questionamento das dinâmicas de poder e identidade.

Para discutir essa constituição normativa pretendida dos enredos juninos, ao mesmo tempo em que se observa a comunidade LGBT que ocupa esse espaço, Rafael Noleto (2016) cunhou o termo “heterossexualidade e cisgeneridade coreográfica” para designar e problematizar essa questão. Nesse e em outros sentidos, o autor aproxima-se de Butler (1990, 2022) na percepção de que as expressões de gênero e sexualidade não são estáticas ou inerentes, mas são formadas e transformadas continuamente através de discursos e ações, neste caso nos movimentos da performance dançada das quadrilhas juninas.

Diante dessa complexidade que se apresenta na relação desta manifestação com a sociedade e o recorte específico desta pesquisa que se preocupa em não

essencializar a mulher, mas identifica o uso da categoria como basilar para este trabalho, apoiamo-nos em Scott (1996) que defende o uso do gênero como categoria fundamental para a análise histórica. Esta autora argumenta que o gênero não é apenas uma questão de identidade, mas uma forma de organizar e interpretar a experiência humana. Ainda que ela enfatize que as categorias de gênero são socialmente construídas e, portanto, são fluidas e contestáveis, e sugira que a oposição entre masculino e feminino é mais complexa do que uma simples dicotomia, sendo constantemente redefinida em contextos históricos específicos, Scott explora como as questões de gênero estão intrinsecamente ligadas ao poder político e às estruturas sociais.

O gênero não diz respeito apenas às relações sociais estabelecidas entre os sexos; ele vai além desses aspectos meramente relacionais. É uma categoria ordenadora de significados que atribuem sentido a diferentes esferas da vida social, de forma que se desloca do sexo e transforma-se em um modo de classificação do espaço, do tempo, das instituições etc. que orientam a constituição de subjetividades. Indo mais além, pode-se dizer que o gênero também é uma formação específica de poder (Scott, p. 28, 1996).

Assim, quando colocamos a imagem do espelho, trata-se de identificar a potência de pesquisas em manifestações da cultura popular como uma maneira de desvendar as teias sociais nas quais elas estão entrelaçadas, no caso deste trabalho, camadas relacionadas ao patriarcalismo, às representações de gênero e ao lugar político das mulheridades nas quadrilhas juninas.

1.1 Dança, cultura popular e as representações de gênero

Tecida no patriarcalismo, a sociedade, e do mesmo modo a cultura popular, repete a dança do binarismo gênero e as suas derivadas construções compulsórias. O jogo do espelho se faz na representação da sociedade e na inspiração social do que se apresenta. Portanto, se evidencia a urgência em pesquisar a interface da cultura popular e das representações de gênero. Diante da escassez de pesquisas sobre as mulheridades com especificidade na manifestação da quadrilha junina, sentiu-se a necessidade da busca por trabalhos em cultura popular ainda que em outras manifestações culturais que debatessem a categoria de gênero tal como apontado por Scott (1996).

Albernaz e Lima (2013), em seus estudos sobre bumba-meu-boi maranhense, discorrem que esse folguedo possui práticas de gênero que

identificam, classificam e organizam os espaços de homens e mulheres, exercendo impactos na distribuição do poder e do prestígio. Embora a presença feminina tenha crescido significativamente, os papéis ocupados por mulheres muitas vezes permanecem com menos importância e essa atual participação não eliminou os significados de gênero na brincadeira.

[...] percebe-se que, nos bois de matraca, as mulheres são “encaixadas” como índias devido a sua constituição biológica, a qual não permite que elas ocupem com eficiência posições que exijam algum tipo de força física, como é o caso da posição de tocador de pandeirão. Assim, resta-lhes a posição de índia como mais legítima e adequada aos seus dotes de feminilidade, especialmente a beleza do corpo e a capacidade de dançar com meneios acentuados dos quadris – marca hegemônica para o feminino brasileiro e, por extensão, maranhense. (Albernaz e Lima, 2013, p. 498)

Nesse exemplo, é possível observar como os papéis das mulheres estão relacionados a um padrão de beleza pré-estabelecido, cor da pele e ideais de magreza, e, como colocado pelas autoras, uma espécie de naturalização biologizante do gênero, como se as mulheres fossem portadoras de uma suposta “essência” feminina ou feminilidade inata. Do mesmo modo, outros papéis devem ser exercidos por homens por estes terem as condições físicas necessárias para realizar esforços físicos mais intensos como carregar indumentárias e instrumentos mais pesados. Assim, esta manifestação, tradicionalmente tida como uma brincadeira masculina e que no passado realmente não contava com a participação de mulheres, tem vivenciado de forma recente e visível a atuação delas, no entanto isso pouco alterou as relações entre os brincantes de boi.

Esta pesquisa sobre bumba-meu-boi maranhense das autoras Albernaz e Lima está aqui posta por se tratar de uma referência dessa interface entre as lógicas estruturantes de gênero e a cultura popular. No entanto, outras pesquisas têm perspectivas diferentes e identificam certa rigidez na análise realizada, expondo que a realidade pode nos apresentar mais possibilidades e contradições. Ainda assim, o trabalho traz elementos relevantes sobre a divisão de gêneros e mais adiante iremos refletir sobre quais aspectos se aproximam das vivências de gênero nas quadrilhas juninas e quais não se aplicam.

Em continuidade a esse movimento de pensar sobre as questões de gênero nos diversos brinquedos populares, nos quais a divisão de papéis entre homens e mulheres pode ser muito demarcada e como muitas vezes mulheres não podem

exercer determinadas funções, fazemos referência ao trabalho de Roberto Nascimento (2017).

Em seu trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em Dança sobre travestilidades nas quadrilhas juninas da região metropolitana do Recife, o autor realiza um interessante movimento de historicizar essas práticas desde antiguidade grega, formas teatrais japonesas, idade média e renascimento europeu até companhias de dança atuais. Seguida essa análise, o autor se debruça sobre as danças tradicionais brasileiras e identifica motivações para que homens brinquem vestidos de mulher. Dessa forma, classifica essas experiências, a partir de exemplos no cavalo-marinho, maracatu rural, bumba-meu-boi, entre outros, em quatro grupos principais: as brincadeiras para *cabra-macho*, as brincadeiras de força e vigor, as brincadeiras para “corpos puros” e as brincadeiras de fazer-se rir.

Em resumo, nas brincadeiras para *cabra-macho*, o contexto patriarcal impossibilita a participação de mulheres ou então condiciona essa participação a subordinação a uma figura masculina, pois da mulher espera-se um padrão de recato e fragilidade que não combina com o ambiente de bebidas alcoólicas, conversas e brigas frequentes nas manifestações. Em outro argumento, reunido na classificação brincadeiras de força e vigor, o machismo se expressa na inaptidão da mulher em executar danças ou tocar instrumentos que exigem resistência física. Brincadeiras para “corpos puros” excluem mulheres por considerarem a menstruação como um fator que impossibilita a participação por fragilizar as proteções espirituais do brinqueado. E brincadeiras para fazer se rir são homens vestidos de mulher com intencionalidade cômica e de deboche, pois uma mulher realizando esses papéis para eles não teria a menor graça.

Nascimento ressalta que essas opiniões e regras de participação firmadas como tradicionais são expressas pelos próprios brincantes e revelam seus locais de fala. Esses modos de agir, segundo o autor, ratificam violências simbólicas (Bourdieu, 2002) contra as mulheres e disseminam imagens pejorativas, inferiorizadas e caricaturais do feminino. Ainda de acordo com Nascimento, é importante considerar que essas situações por ele classificadas estão muito mais relacionadas com as vivências brincantes de homens heterossexuais. Quando nos dedicamos às quadrilhas juninas, ainda que esse ambiente masculinista permaneça, é relevante ponderar a presença preponderante de homens gays. Por um lado, sem

dúvida, esse quadro traz novos elementos, mas, por outro, não necessariamente representa uma diminuição da dominação masculina.

Liana Melo (2017), em sua dissertação intitulada “Na minha quadrilha só tem gente que brilha: corporalidades dissidentes e direitos humanos nas quadrilhas juninas do Recife/PE” também discute a presença da representação de personagens femininos por homens brincantes em algumas manifestações da cultura popular, a exemplo do Maracatu Rural, e sua operação no campo da interdição e da tradição. Segundo a autora, é comum o uso da expressão travestilidade para se referenciar a este artista vestido com roupas e acessórios do sexo-gênero oposto. No entanto, a partir da atuação dos movimentos sociais e o reconhecimento de diferentes identidades, esta palavra é reposicionada em seus sentidos políticos e sociais, passando a ser compreendida como vivências que se identificam no campo do feminino. Assim, Melo considera mais adequado o termo “inversão” para essa situação de homens que brincam vestidos de mulher, até mesmo para os homens gays que nas quadrilhas juninas dançam de damas. Em seu trabalho, são observadas essas corporalidades dissidentes, como mulheres trans e homens gays que, por escolha ou por serem considerados muito afeminados pela diretoria e pelo coreógrafo, deixam de representar os cavalheiros e transitam para o polo feminino.

Este trabalho de maneira nenhuma intenciona questionar a participação desses homens gays performando de dama, ou mesmo heterossexuais, bissexuais ou de qualquer orientação sexual e sua liberdade de dançar ocupando esses espaços. Afinal, o movimento quadrilheiro tem esse caráter diverso, de acolhimento e de afirmação de identidades plurais e esta é uma de suas grandes potências. Essas experiências coletivas e individuais devem ser celebradas!

No entanto, com o objetivo de compreender a participação das mulheres nessa manifestação artístico-cultural é levar em consideração as relações de gênero e suas desigualdades. Um dos mecanismos que revela as desigualdades enfrentadas pelas mulheres na sociedade está na instituição do casamento, fundação patriarcal que frequentemente subordina a figura feminina ao poder e controle masculino.

1.2 Matrimônios na vida social e casórios no arraial: espelhos do patriarcado

Na atualidade, na apresentação das quadrilhas juninas do Nordeste há uma história a ser contada em 25 minutos que envolve um casamento simulado entre os protagonistas: um noivo e uma noiva. Essa encenação, segundo Menezes Netto (2008, p. 18) é herança das quadrilhas tradicionais ou matutas e envolve a fartura do milho e a abundância das colheitas, tão propícia para casamentos, além da relação simbólica entre a fertilidade da terra e a fertilidade do matrimônio. Outros elementos são a presença da narrativa bíblica de São João Batista, protetor dos casados, e a recorrência do tema casamento na cultura popular na Europa Medieval, que exerce direta influência nesta manifestação.

Essa história contada coreograficamente e dramaturgicamente envolvendo um casamento podem ter os mais diversos e criativos temas, no entanto, em geral, giram em torno da celebração de um casamento heteronormativo, revelando construções sociais ligadas ao papel feminino e à idealização do matrimônio; alicerce afetivo, jurídico e político do patriarcado.



Leila Nascimento e Pedro Coelho, a noiva Rosinha e o noivo João, no espetáculo “A engrenagem que nos move”. Junho de 2024. Foto: Divulgação do Festival de Quadrilha Rede Globo

O casamento, historicamente, se apresenta como uma ferramenta de regulação social, no qual as mulheres são destinadas ao cuidado do lar, da família e à reprodução, enquanto os homens ocupam o papel de provedores e detentores de autoridade. Essa divisão desigual se reflete em dinâmicas como a dependência econômica feminina, a limitação da autonomia sobre o próprio corpo e a

desproporção nas responsabilidades domésticas e de cuidado, que ainda hoje recaem majoritariamente sobre as mulheres.

O modelo do homem provedor e da mulher do lar já era consagrado em nosso Código Civil de 1916. Na época, o pressuposto era de que o casamento seria o único meio de se constituir uma família - tomando-se a família nuclear como regra: pai, mãe e filhos. Nessa lei, o artigo 233 define, por exemplo, que "o marido é o chefe da sociedade conjugal", sendo responsável pela administração dos bens, a manutenção material da família, o direito de fixar residência e de autorizar ou não a profissão de sua mulher. No artigo 240, constam as obrigações da mulher: a ela ficava indicada a função de ser a "companheira, consorte e colaboradora" do chefe da família, "cumprindo-lhe velar pela direção material e moral desta". (LINS, 2016, p. 82)

Essa narrativa central do casamento é encenada na quadrilha junina, embora sujeita a variações. Chianca (2013, p.41) descreve como versão mais clássica da história: "trata-se de um cenário que se constrói através do seguinte roteiro: um jovem rapaz engravida sua namorada e se recusa a casar diante dos seus pais e dos da noiva – geralmente compadres pertencendo a níveis sociais hierárquicos diferentes". Essa dramatização, reforçada por figuras de autoridade como o coronel, o juiz e o padre, reflete o controle social sobre a sexualidade feminina e a imposição de uma moralidade pautada na preservação da honra.

Embora essa história nem sempre seja encenada dessa maneira, admitindo muitos tipos de variações e adaptações, a questão de gênero se manifesta de forma marcante nos papéis coreográficos, como explica uma entrevistada:

A quadrilha junina é voltada para o casamento, o enredo dela todo, apesar de diversos e milhares de temas possíveis, o casamento é a base, é o que faz o enredo acontecer, mesmo que não seja a parte principal durante a história. Por vezes, no início já se é casado, né? Mas de toda forma existe esse casamento e pelo menos eu não me recordo de nenhum casamento não ser heteroafetivo, né? Então, o papel da mulher dentro das quadrilhas é o de esposa. De esposa, às vezes sonhadora, às vezes carente, às vezes tóxica também. Diversos tipos, mas sempre o de esposa (Larissa)

Essa afirmação sugere que existem quadrilhas que ainda reproduzem narrativas normativas. Logo, "o estereótipo que é reforçado, de que a mulher precisa de um homem para as coisas acontecerem na vida dela, porque apesar de ela estar em um lugar dos sonhos, ainda assim lhe falta algo que é o casamento e é isso." (Larissa).

Sem dúvidas, a obrigação de casar-se e desempenhar certo papel é algo que se apresenta de forma contundente nos enredos das quadrilhas juninas. Ainda que na história do movimento quadrilheiro existam exceções e outras propostas dramatúrgicas de casamentos homoafetivos já tenham sido encenadas.

A primeira quadrilha a ousar nesse sentido foi a Junina Aquarela Nordestina, em 2006, ao retratar um casamento lésbico. Não existem registros escritos desse feito, contudo, no livro “Afetividade nordestinas: festas, fotografias e sentimentos”, uma obra com fotos de Paulinho Mafe organizada por Hugo Menezes Neto, Mário Ribeiro dos Santos e o próprio Paulinho Mafe, é possível acessar uma imagem dessas mulheres. Infelizmente essa história não é muito conhecida pois tratava-se de uma quadrilha de pequeno porte que tempos depois deixou de se apresentar.



Quadrilha Junina Aquarela Nordestina. 2006. Foto: Paulinho Mafe

Já em 2013, a Junina Tradição representa com originalidade e cunho político um casamento gay num arraial (Menezes Netto e Miranda, 2023 e Nascimento, 2017). Esse sim obteve mais repercussão, afinal a Quadrilha é muito conhecida e naquele ano ganhou destaque sendo vencedora de premiações. O enredo narrava a história de Severino "Boca Virgem", filho de mãe protestante e coronel 'brabo'. A família morava em uma cidade do interior cuja igreja queria arrecadar dinheiro para uma reforma, e assim o padre inventou a barraca do beijo. Como já corriam rumores que Severino era homossexual, a mãe disse que o

primeiro bilhete seria do filho, que acabou sendo premiado: ele poderia experimentar todos os tipos de beijo. Nessa jornada, o jovem não se encanta por ninguém, mas a mãe, preocupada com a opinião da sociedade, diz que ele tem que sair casado até o final da festa de São João. As mulheres entram em uma batalha de danças para impressionar o rapaz, que até escolhe uma delas. Mas na hora do casamento, entra em cena o vendedor de flores Frederico, um rapaz por quem Severino estava intimamente encantado. Pai, mãe e pastor são contra, ameaçando Severino até a morte. Com uma reviravolta instigada pela problematização de agressões físicas a pessoas homossexuais, uma juíza realiza a união de Severino "Boca Virgem" e seu amado.



Casamento gay na Junina Tradição. Junho de 2013. Foto: Marcelo Soares / PrimaPagina

Mais recentemente, em 2023, em Boa Vista - Roraima, a quadrilha junina Agitação Caipira celebrou em seu tema todas as formas de amor e apresentou um casamento com dois casais homoafetivos, uma fada madrinha drag queen e uma história de combate à LGBTfobia. Em uma cidade homofóbica, mas libertada pela mágica de amores proibidos, a filha da prefeita de Emenda é obrigada a casar com um homem por quem não tem sentimentos. No entanto, durante a prova do vestido de noiva, ela se apaixona pela costureira e decide lutar por esse amor. O noivo dela também não entende por quais razões tem que se casar com a jovem. Assim como ela, enquanto experimenta o terno de casamento, ele se apaixona pelo alfaiate.

Em ambas histórias, as quadrilhas ocupam importantes espaços políticos e encenam golpes contra o preconceito, promovendo lições de respeito à diversidade em meio às festas de São João.

1.3 Espelhos trincados: experiências quadrilheiras

De fato, podemos observar o quanto as quadrilhas juninas são espaços de acolhimento para uma grande diversidade de pessoas, suas experiências de vida e seus recortes sociais. Podem ser produções artísticas inventivas e dessa forma nos surpreender com temáticas atuais e relevantes. Ou seja, existem quadrilhas 'mais tradicionais' na qual as noções de casamento continuam sendo perpetuadas como uma instituição engessada e opressora às mulheres, mas hoje existem quadrilhas que discutem assuntos como o feminicídio, por exemplo.

Quadrilhas Juninas são reflexos de espelhamentos sociais e estão em constante transformação, assim como a sociedade ocidental que há décadas debate e luta pela questão das mulheres. Quadrilhas Juninas são também atravessamentos nesse espelhamento social, pois como cultura, como produção artística das periferias propõe e intervém no mundo a partir de seu fazer. Cada arraial, com suas inúmeras e criativas apresentações junto a centenas e centenas de pessoas vibrando no público pode atuar para o enfrentamento das violências e injustiças sofridas pelas mulheridades, ainda que, paradoxalmente, a encenação dos casais e da mulher em seu papel tradicional esteja ali posta.

Esses espelhos também foram trincados na escuta das entrevistadas nessa pesquisa. Em geral, mesmo que em alguns momentos tenham colocado dificuldades e cansaços, relataram uma imensa alegria em dançar quadrilha, pois sentem-se livres nessa dança, reconhecem esse espaço como lugar de expressão e realização pessoal e artística. “Me sinto famosa, me sinto poderosa, porque eu estou mostrando cultura, eu estou me mostrando para o público, como sou, estou mostrando o que gosto de fazer”, compartilhou Maylanna que conheceu quadrilha junina através de sua atual esposa em 2013, e assim apaixonou-se pela Raio de Sol, mesmo que antes tivesse um pouco de receio de se aproximar e não tinha o desejo de participar pois achava meio 'brega'.



Maylanna como cangaceira. 2024. Foto: acervo Raio de Sol

A peruca, a maquiagem excessiva, a montagem de ‘ser mulher’, de modo curioso não remete necessariamente para as interlocutoras, de modo pessoal, a qualquer imposição de um padrão de feminino de forma opressora, mesmo que algumas delas possam trazer em suas falas reflexões e problematizações a respeito desse binarismo de gênero e da situação da mulher na nossa sociedade e estabelecer paralelos críticos com a manifestação das quadrilhas juninas. Quer dizer, nas falas, quando questionadas sobre suas próprias vivências, o que aparece é uma grande realização com a representação desse personagem dama, sendo possível descobrir formas de ser dama, não ser uma mulher ‘real’, não ‘ser você’, ser outra ‘coisa’, como posto nas entrevistas.

Para mim, dançar quadrilha representa o máximo que se pode chegar da felicidade aqui, nesse plano, né? Porque só quem dança, só quem está lá dentro daquele movimento, daquela energia e dessa manifestação, dessa expressão de cultura, sabe o quanto é intenso o que a gente sente enquanto a gente está dançando. É uma dança muito diferente de qualquer outra que você possa dançar no sentido da apresentação, de se apresentar, né? Então, é uma força, é uma energia que move todo mundo que tá ali naquele coletivo por um propósito maior. Então, eu acho que é isso. E é tão forte isso que eu acho que a gente consegue transcender, sabe, assim, por dentro mesmo, quando a gente tá dançando. Então, pra mim, representa toda essa felicidade, toda essa energia, toda essa positividade que a gente vai

acumulando e que, no momento de dançar, é como se fosse uma explosão ali que a gente coloca tudo de maravilhoso que a gente tem pra fora. E eu acho muito muito forte isso tanto é que tem muita gente que chora enquanto está dançando porque uma energia tão forte que não consegue conter as lágrimas. (Bruna)

Mas eu gosto muito, gosto muito dessa de certa forma maquiagem, né? Que é feita pra que o público não perceba aquele esforço que tá sendo feito. Isso é muito maluco na minha cabeça. É conseguir não demonstrar essa força que está existindo pra caramba. (Larissa)

Então, ao mesmo tempo que eu... que tem a delicadeza da dama, da maquiagem, da sensualidade, mas tem também a bravura, né? Tem a garra para conseguir manter o pique e ao mesmo tempo é o que reflete em mim. Sou delicada, mas assim, para conseguir as coisas, conseguir meus objetivos, eu preciso ser também, ter essa garra, essa determinação. (Mayara)

O que pode aparentar ser um padrão e uma homogeneização nas roupas, danças e caracterizações, revela possibilidade de encontro com a subjetividade e múltiplas possibilidades de experiência. De modo a descobrir sua dama, que não está aprisionada em uma fôrma, como colocado por Joane:

[...] desconstruir essa dama socialmente a dama impecável, a dama perfeita, a dama elegante, a dama sucinta, polida e que também pode ser uma dama expressiva, que pode ser uma dama extravagante e que a gente pode também trazer várias leituras (Joane).

Mas, antes de nos aprofundarmos mais nas possíveis desconstruções do que é ser dama, pontuada nesses espelhos trincados dos espelhamentos sociais, se faz necessário compreender melhor a construção do que é ser dama na voz de nossas entrevistadas.

2. SER DAMA: CHARMES E GINGADOS

Convidadas a responder “o que é ser uma dama em uma quadrilha junina e quais são as principais características desse papel”, todas as entrevistadas ofereceram respostas semelhantes e entre as palavras que mais se repetiram foram “charme”, “elegância”, “leveza” e “força”.

Uma dama no ciclo junino ela é forte, elegante, leve também, a dama é a beleza da quadrilha, o brilho.(Marina)

[...] na quadrilha junina, as damas precisam estar pleníssimas, belíssimas, como é falado e chamado de balde. Quando uma dama junina está bem bonitona, bem produzida, bem... Enfim, aí é isso. (Bruna)

Ser dama na quadrilha junina significa representa charme, leveza, espontaneidade, alegria, delicadeza, audácia, são tantas coisas, são tantas coisas que cabe aí, mas pra mim, a principal é o charme, tem que ter um gingado, tem que ter uma pinta feminina, tem que saber conduzir uma saia, tem que mostrar esse lado da mulher, sabe? (Maylanna)

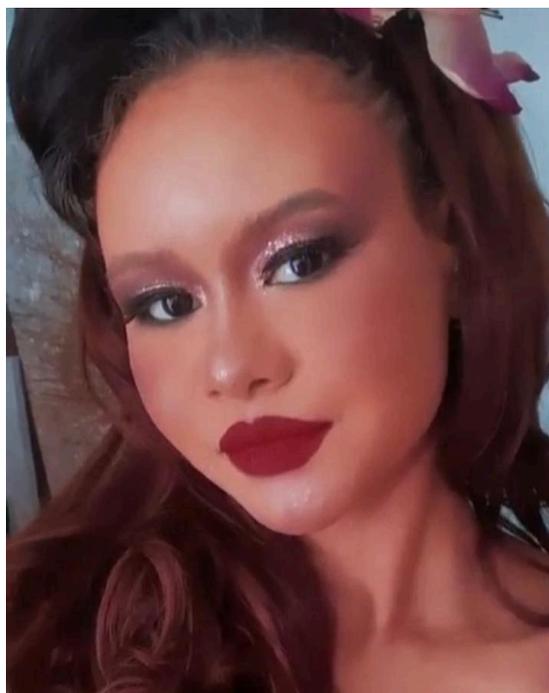
Esse lado da mulher, como exposto na entrevista, será que trata-se de desempenhar o papel de dama em uma quadrilha junina com as mesmas expectativas impostas às mulheres na sociedade em geral? Segundo Mayara, existe a necessidade de expressar delicadeza, amorosidade e feminilidade, mas sem abrir mão da bravura e da força. Essa força, para ela, é essencial para "segurar o pique" durante a dança, equilibrando suavidade e resistência. São ressaltadas assim características, ao mesmo tempo contraditórias e complementares, que refletem o que as mulheres vivenciam cotidianamente, precisando ser delicadas e corajosas simultaneamente.



Larissa Nathamy. 2024. Foto: acervo: Raio de Sol.

Essa delicadeza, elegância e toda a expectativa de ser feminina, para a entrevistada Larissa, está relacionada a uma grande complexidade de ser conduzida na dança, um papel que, embora pareça passivo, exige grande esforço e habilidade para manter a leveza e a graciosidade. Para ela, o papel da dama é central para trazer charme e sofisticação ao arraial, ressaltando que a força e o esforço físico estão presentes de forma oculta todo o tempo.

Bruna, durante a entrevista, compartilhou uma experiência interessante. Na quadrilha junina Zabumba, seu antigo grupo, havia um ensaio específico chamado Ensaio da Beleza. Esse acontecimento não está presente em todas as quadrilhas, mas era um evento importante para esse grupo. Nesse dia, as damas deveriam comparecer muito bem arrumadas, maquiadas e produzidas, com atenção especial à beleza. Essa exigência, no entanto, não se estendia aos cavalheiros, que não precisavam seguir o mesmo padrão de produção visual. O Ensaio da Beleza se tornou uma lembrança dessa sua experiência na Zabumba e, apesar de não ocorrer na sua atual vivência na quadrilha junina Raio de Sol, evidenciando assim uma distinção em relação à apresentação estética entre os dois grupos, veio a tona como uma vivência marcante relacionada a essa questão de 'ser dama'.



Bruna Souza maquiada para o ensaio da beleza. 2023.

Foto: Bruna Souza

As representações de gênero no patriarcalismo são estruturadas a partir de uma lógica hierárquica que privilegia a masculinidade e subordina a feminilidade, determinando papéis sociais rígidos e desiguais. Nesse sistema, os homens são tradicionalmente associados ao poder, autoridade e domínio sobre os espaços públicos, enquanto as mulheres são relegadas ao cuidado, à obediência e ao ambiente doméstico. Essa divisão reforça estereótipos de força, racionalidade e

liderança como atributos masculinos, em contraste com a delicadeza, emotividade e submissão atribuídas ao feminino. Segundo uma entrevistada:

[...] as damas precisam estar muito belas, precisam estar muito bonitas, precisam ser delicadas mas também precisam arrasar, precisam dançar muito, porque, enfim, existe todo esse leque de coisas que uma dama deve cumprir através desses estereótipos e desses comportamentos pré-estabelecidos pela própria sociedade, né? Afinal nós somos atores sociais e essas codificações, esses estereótipos que são construídos a gente também leva pra dentro dos nossos brinquedos, das nossas danças, das nossas manifestações culturais e com a quadrilha junina não é diferente, então eu acho isso, mas eu não acho como se fosse algo totalmente positivo, claro, eu vejo muitos problemas em relação a isso, mas basicamente ser uma dama é você representar essa coisa da feminilidade de uma forma bem exacerbada, de uma forma bem exagerada (Bruna)



Larissa Pessôa, cangaceira no espetáculo “A engrenagem que nos move”. Novembro de 2024, no camarim do Teatro do Parque. Foto: Larissa Pessôa

Nesta mesma perspectiva de uma visão crítica, como exposto nessa pontuação de não avaliar somente como “algo totalmente positivo”, outra entrevistada considera que as pressões estéticas e sociais vividas pelas mulheres na sociedade de forma geral são também vividas dentro da manifestação quadrilha junina:

E ser dama é bem complicado, é cansativo. Às vezes eu quero me afastar do movimento junino porque nós temos o peso da produção, da maquiagem, do cuidado com o figurino. E isso a gente já encara na sociedade. a dificuldade de ser mulher a dificuldade de expressar a mulheridade, a dificuldade de ser aceita enquanto uma mulher diferente e dentro da quadrilha junina ser dama é bastante rigoroso sim é uma cobrança muito maior do que para um artista que é cavalheiro, que expressa a identidade masculina. (Joane)

Nesse momento em que estamos discutindo questões relacionadas à produção estética das damas em termos de maquiagem, adereços, figurinos, etc, é importante fazer uma ressalva no sentido das diferenças entre a Raio de Sol e as outras quadrilhas juninas de modo geral que foram pontuadas nas entrevistas e também puderam ser observadas durante a pesquisa. É muito comum ouvir falas no sentido de na Raio “você não fica bonita” como nos outros grupos. Isto porque, como pode ser visto no espetáculo “A engrenagem que nos move”, a proposta de maquiagem e figurinos está de tal modo relacionada ao tema que não se adequa ao padrão da maior parte das juninas que exibem pedrarias, brilhos, cílios postiços, iluminador no rosto e afins, que “deixam as damas belas”. A maquiagem deste ano, por exemplo, trazia à tona a mesa de bonecos de mestre Saúba, com caricatas bochechas rosadas e com riscos exagerados representando os cílios.



Foto: acervo Raio de Sol

Também é relevante ponderar que na Raio de Sol, cavalheiros, a depender do tema, também fazem maquiagem, como pode ser observado na imagem acima. Neste mesmo exemplo do espetáculo de 2024, cavalheiros tinham uma maquiagem semelhante no rosto todo e bochechas, mas não usavam sombra nos olhos ou batom.



Larissa Pessôa maquia seu cavalheiro João Marcos de Souza. Junho de 2024, Ginásio de Esportes Geraldo Magalhães (Geraldão). Foto: Horianna dos Santo

Feitas essas considerações a respeito da especificidade desta Quadrilha Junina e de volta às questões do espelhamento com a sociedade, entrevistadas enfatizaram a grandiosidade e espetacularidade de uma quadrilha junina, o que faz com que essas características e caracterizações de uma dama também sejam do mesmo modo exageradas. São “mulheres de peruca”, de “super maquiagem” o que contribui, na percepção das interlocutoras, para a construção desse lugar estereotipado de ser mulher.

Em seus posicionamentos, ao mesmo tempo em que são tecidas reflexões e críticas sobre o lugar da mulher na sociedade e são realizadas problematizações

sobre visões estereotipadas, as entrevistadas verbalizaram diferentes formas de identificação com o papel de dama nas Quadrilhas Juninas, evidenciando tanto a valorização da delicadeza e do charme quanto a percepção de outras facetas femininas que poderiam ser mais exploradas.

Mayara expressa uma identificação com o papel de uma dama, relacionando a performance da dama com aspectos de sua vida pessoal. Ela destaca que, embora o papel enfatize a delicadeza, a maquiagem e a sensualidade, ele também carrega consigo uma dimensão de bravura e garra, especialmente no contexto de sua experiência como mãe solo. Para ela, a dualidade entre leveza e força se manifesta tanto no palco quanto fora dele, onde precisa ser determinada para alcançar seus objetivos. A dança, portanto, torna-se uma extensão dessa luta.

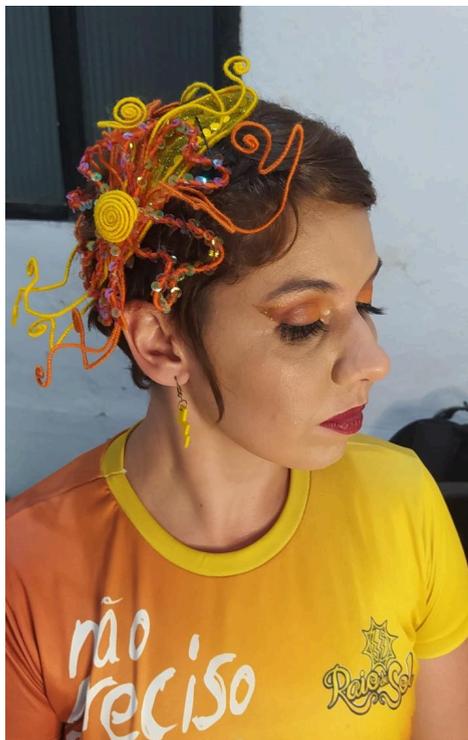
Já Maylanna, enquanto mulher lésbica, expressa que se identifica parcialmente com as características atribuídas ao papel de dama, mas sente que ao dançar se transforma em uma versão diferente de si mesma, capaz de expressar uma feminilidade que não costuma manifestar em outros contextos.

Rapaz, eu acho que a delicadeza... Eu só me encontro lá. Não sou uma pessoa muito delicada, não, sabe? Mas quando eu tô dançando, eu acho que eu me transformo. Sou outra pessoa lá dentro. Eu me sinto realmente, assim, uma dama. Aí é a hora de me jogar, de mostrar delicadeza mesmo, sabe? Acho que só as outras características que eu falei, eu acredito que eu tenha fora. Mas a delicadeza, não. (Maylanna)

Outras, como Marina, colocaram que alguns anos atrás, enfrentava dificuldades em performar esse papel: “eu poderia dizer que não me identificava pelo fato de ter vergonha e não me doar 100%, mas hoje eu posso dizer que sim que eu me sinto uma dama forte, elegante, que tem amor por dançar quadrilha.” (Marina).

Ou seja, há um processo de aprendizado coletivo de como ser uma dama e neste momento posso assegurar este fato a partir de minhas próprias experiências. O movimento de tornar-me uma dama de Quadrilha Junina aconteceu de maneira orgânica, na convivência com as damas mais experientes, na observação dos movimentos e trejeitos, nos comentários e críticas feitos rapidamente entre uma coreografia e outra durante os ensaios de forma a ajudar quem mais estava precisando melhorar algum ponto. Quanto à maquiagem, foi para mim um verdadeiro desafio. Nunca tive muitas habilidades e sendo este um aspecto

fundamental para a participação como dama tinha muito receio de tentar fazer e falhar. Deste modo, contei sempre a generosa ajuda de uma amiga, a quem sou muito grata, foi ela que fez minha maquiagem nas incontáveis apresentações juninas no ano de 2024.



Larissa Bonfim para a apresentação no pré-junino. Maio de 2024.

Foto: Bruna Souza

Esses relatos destacam como o papel de dama nas Quadrilhas Juninas, embora fortemente vinculado a um ideal de feminilidade tradicional, também se torna um espaço de experimentação, afirmação e expressão das mulheridades. Acontecendo de forma muito particular em cada grupo e com cada mulher que dança. Como colocado por Joane, uma mulher trans:

Olha, eu me considero uma dama junina muito simples, básica, soft. Eu sou preguiçosa para grandes produções, mas acredito muito na elegância e no charme da representação da dama. Embora eu seja apaixonada pelo mundo da moda, que também é uma linguagem que eu adoro me expressar no cotidiano, mas quando se trata da arte junina, eu me projeto mais na dança e na atuação. A indumentária também enriquece o que eu acredito e eu adoro, fico ansiosa para construir, mas eu caminho para o básico, para o menos é mais. E também é importante ressaltar as diferenças dentro das quadrilhas. Cada quadrilha tem sua identidade, tem a sua forma de expressar a indumentária, de construir a estética, o padrão das damas. (Joane)

A Raio de Sol, que tem como marca a profunda relação com a cultura popular e a referência a outras danças e manifestações culturais pernambucanas e brasileiras, desenvolve seus temas e repertórios corporais de maneira muito singular a partir dessa base. Como já colocado, do mesmo modo, sua maneira de apresentar as damas no sentido de maquiagem, cabelo, figurino, adereços e corporalidade também é muito própria e original.

De toda forma, como expresso pela entrevistada Joane, assim como em outras quadrilhas, a dama “é feita para a dama brilhar na evolução coreográfica, [...] o cavalheiro conduz essa dama para o destaque” (Joane). E para brilhar, as pegadas e balanços nas saias, sejam elas de armação, longas ou qualquer outro tipo, ocupam um lugar central.

O figurino reforça essa codificação de gênero. A saia, símbolo de feminilidade, define a personagem e diferencia visualmente as dançarinas dos cavalheiros. Os cavalheiros, por sua vez, obrigatoriamente vestem calças e usam chapéus. A entrevistada Bruna observa:

Quando a gente chega na quadrilha, a gente é dividido, né? A gente já chega sendo dividido por gênero. Então, ou você é homem ou você é mulher, né? Ou você é uma dama ou você é um cavaleiro naquele grupo, né? Não existe nenhuma outra possibilidade de ser. E o que define você ser ou não uma dama ou um cavalheiro, claro que existem outras coisas, mas acho que o que é bem forte assim é essa coisa da saia. É um símbolo que de fato ele codifica ali um gênero. Um cavaleiro, ele não vai usar uma saia... Então, assim, isso vem carregado de vários estereótipos que a gente constrói ao longo da vida. (Bruna)



Damas e cavalheiros.
Foto: acervo Raio de Sol

Esse elemento visual e narrativo na sociedade de forma geral reforça normatividades sociais, nas quais a feminilidade é associada à passividade e ao romantismo, enquanto o masculino se vincula à condução e à ação. Assim, é preciso refletir sobre o lugar da saia nas quadrilhas juninas, em uma análise das percepções compartilhadas pelas entrevistadas.

2.1 - Saia: entre realizações e realidades

A saia, como peça de vestuário, carrega significados simbólicos profundos na sociedade ocidental, estando intrinsecamente ligada a noções de gênero, feminilidade e poder ao longo da história. Seu uso e interpretação variam conforme os contextos culturais, históricos e sociais, sendo um artefato repleto de significados complexos. Na sociedade ocidental moderna, a saia é amplamente associada à feminilidade, funcionando como um marcador visual de gênero, sendo importante ressaltar que esta não é uma construção fixa ou universal.

Do ponto de vista antropológico, Daniel Miller (2013) em um debate acerca das indumentárias e de como elas não são algo superficial, afirma que a semiótica considera o uso das vestimentas como símbolos e signos que nos representam. Este autor, por sua vez, em discordância com essa abordagem, através de trabalhos

etnográficos, defende que a indumentária, como uma saia, por exemplo, não é algo que nos representa, mas que nos constitui. Tomando como referências sociedades não-ocidentais, Miller discute que não há em todas as culturas a concepção de um “eu verdadeiro e profundo” que é expresso exteriormente de modo que esse ato pode ser lido até como frívolo ou sem importância, ao contrário, o verdadeiro e profundo está justamente na aparência, é o revelado, parte fundamental da constituição do sujeito no mundo.

Ao que parece, as saias nas Quadrilhas Juninas mais do que representar as damas são partes constituintes dessas pessoas em performance. De forma geral, mais frequentemente são utilizadas saias de armação, mas podem ser outros tipos a depender da temática abordada pelo espetáculo e da criatividade na elaboração dos figurinos. No ano de 2024, a Raio de Sol propôs o uso de saias longas, remetendo às Quadrilhas estilizadas da década de 90.

Foi um ano desafiador, porque esses anos todos eu nunca tinha dançado com saia longa. Já tinha assistido, como eu falei, já acompanho quadrilha há muito tempo, e assistia muito a vídeos da quadrilha daqui da minha cidade que é a 40 graus que foi inclusive a primeira quadrilha que ganhou regional e naquela época a quadrilha era de saia longa, mas aí eu não peguei essa época de saia longa, então foi mágico pra mim poder dançar com a saia no pé, poder fazer movimentos de saia. (Mayara)

Esse misto de dificuldade e encantamento pelo uso das saias longas também se fez presente em outros relatos. Bruna, por exemplo, novamente teceu comparação entre sua antiga quadrilha Zabumba e a atual Raio de Sol, enfatizando a importância do símbolo dessa indumentária e como dançar sem saia de armação foi uma oportunidade nova e muito diferente da experiência anterior.

Para que fosse possível o treino desses movimentos com a saia, todas as damas tinham uma saia de ensaio que deveria ser usada obrigatoriamente em todos os encontros. Ela era semelhante à saia do figurino em termos de comprimento, mas, quanto ao peso e manejo, se distinguiam bastante, ainda assim seu uso foi fundamental. As saias da apresentação, nos arraiais, geravam um grande efeito visual quando rodadas, surpreendendo todo o público.



Nicololy Lima, rainha da Quadrilha Raio de Sol. 2024. Foto: acervo Raio de Sol

Em outras entrevistas, para além da saia, a maquiagem foi citada como um elemento importante. Do mesmo modo que a saia é uma indumentária relacionada ao feminino, a maquiagem também é, ainda que cavalheiros possam utilizar algum tipo de maquiagem, especialmente em algumas quadrilhas e espetáculos específicos, como inclusive foi o caso da Raio de Sol com a apresentação “A engrenagem que nos move” em 2024, entrevistadas ressaltaram como a maquiagem, principalmente no sentido de cuidados estéticos, refletem uma certa desigualdade de gênero presente nas quadrilhas juninas.

Para Bruna, esse desequilíbrio existente nas expectativas de performatividade de maquiagem atribuída às damas em comparação aos cavalheiros é um processo que reflete a pressão estética enfrentada pelas mulheres na sociedade de forma geral, onde há uma imposição cultural para que estejam sempre belas e impecáveis, algo que não recai sobre os homens da mesma forma.

Ela e outras entrevistadas reconhecem que essa exigência é especialmente evidente no contexto das quadrilhas juninas, onde as damas enfrentam um processo rigoroso de preparação que inclui maquiagem, penteados elaborados, grampos, fixadores e acessórios complexos. Enquanto isso, os cavalheiros têm uma preparação muito mais simples, muitas vezes apenas limitando-se a vestir o traje. É comum que mulheres dediquem muitas horas finalizando sua produção em suas

casas, nas quadras, nos arraiais, nos ônibus das quadrilhas, enquanto os cavalheiros aguardam suas damas ficarem prontas.

É interessante notar que ainda que possamos refletir sobre essas imposições estéticas colocadas, esses elementos como a saia, a maquiagem, parte dessa manifestação espetacular, são motivo de muita realização, alegria e liberdade: Dançar quadrilha para mim é uma expressão de liberdade [...] É uma liberdade mesmo que influencia na minha vida na questão do bem estar, de socializar, comunicação, tudo influencia para o bem. (Mayara)



Pré-junino 2025. Foto: acervo Raio de Sol

Não há, portanto, ao menos a partir das respostas coletadas para essa pesquisa, a percepção de aprisionamentos no sentido de cumprimentos de normas ou pressões estéticas por parte dessas mulheres. Ao contrário, existe a mais profunda realização, uma explosão de energia, felicidade e positividade. “Eu acho muito muito forte isso tanto é que tem muita gente que chora enquanto está dançando porque uma energia tão forte que não consegue conter as lágrimas. Isso já me aconteceu algumas vezes” (Bruna)

Na minha experiência como quadrilheira pude sentir essa mesma emoção relatada por Bruna. Dançar em um coletivo tão grande, com por volta de 100 pessoas, diante de um público tão efusivo, oportunizou sensações em meu corpo nunca antes vivenciadas. Quanto ao uso de saias, senti-me confortável, mas por vezes considerei estar aquém da feminilidade necessária para ser uma dama. O uso de maquiagens e essa imagem exagerada do ‘ser mulher’ me causava certo incômodo.

Esse desagrado, como já colocado, não apareceu em nenhuma entrevista. Sendo a emoção e a realização o discurso da vez nas diferentes mulheridades. Destaco as palavras de Joane, mulher trans, ao falar da quadrilha junina:

[...] pra mim é o meu maior palco, é o grande palco da minha vida até hoje, tudo que eu aprendi enquanto ser humano que exala a arte, que cria a arte com outras pessoas, foi dentro de um espaço junino, foi a minha grande faculdade da vida, eu aprendi a me comunicar, eu aprendi a ler a diversidade humana, eu me entendi enquanto uma criança LGBTQIA+, dentro de uma quadrilha junina, não de uma forma estereotipada, não trazendo estigmas negativos, mas entendendo a possibilidade da minha existência, enquanto atriz, bailarina popular, da cultura recifense, pernambucana e nordestina. E é o espaço que eu mais priorizo na minha vida. (Joane)

Para ela, que iniciou nas quadrilhas mirins, que já foi por duas vezes noivo, ainda em seu gênero antigo, antes de sua “transição de vida humana”, como dito por ela mesma, pontua como as vivências nas quadrilhas estão profundamente relacionadas com seu renascimento na travestilidade. Uma retomada de vida na qual Joane compartilha que começou a compreender a possibilidade de expressar a dama que sempre esteve dentro dela.

Com a premissa de Rafael Noleto de que “a diversidade sexual e de gênero está imiscuída em todo o processo de produção dos certames juninos e de apresentação das performances quadrilheiras” (Noleto, 2016, p.14); Menezes Netto e Miranda (2023) chamam a atenção para a marcante presença de pessoas LGBTQI+, especialmente homens gays e mulheres trans e no significado dessa experiência festiva em suas vidas.

Ao mesmo tempo, esses relatos de comoventes realizações não deixam de ser atravessados por grandes desafios enfrentados nas diversas realidades das mulheridades.

A ausência de mulheres cis é sentida por muitas lideranças das quadrilhas que expressaram, em entrevistas, a dificuldade em trazê-las e/ou mantê-las em seus quadros. Para eles, as jovens quadrilheiras mulheres cis da

periferia do Recife e Região Metropolitana têm sua participação impedida ou descontinuada mais do que participantes de outros perfis. Muitas delas engravidam cedo e logo constituem família, assumem responsabilidades cumulativas com a dupla ou tripla jornada de trabalho em casa, na rua e no cuidado com os filhos; não conseguem se dedicar aos ensaios e ao circuito de concursos que exige tempo. Algumas se afastam dos grupos ou nem chegam a entrar, pois, são drasticamente impedidas pelos namorados ou maridos pautados na alegação machista e opressora do 'ciúme' devido ao contato com o par do gênero oposto. Parte delas também desistem por falta de recurso financeiro para custear o figurino, em um contexto de altas taxas de desemprego, maiores, evidentemente, entre mulheres jovens nordestinas e racializadas. Entre eles, o mais mencionado foi a questão da maternidade. (Menezes Netto e Miranda, 2023 p. 225)

Nas entrevistas realizadas nessa pesquisa, a questão da maternidade também foi a mais latente. A interlocutora Larissa observou uma questão durante seus ensaios e compartilhou:

Quando a gente vai para a Raio, se você se dispõe a ouvir pessoas que estão lá para assistir, tantas vezes vão mães levando seus filhos, e elas falam: queria tanto estar dançando, queria tanto estar brincando. Enfim, mais dançando, né? Então, eu acredito que não é por falta de vontade de estar nesse ambiente, nem exclusão do próprio ambiente da quadrilha Junina, né? Mas sim por um sistema que faz com que a gente tenha mais obrigações familiares, mais obrigações financeiras também (Larissa)

Na minha experiência em 2024, dancei atrás de uma dama que tinha uma bebê recém nascida e durante muitos ensaios a vi dançando com a criança nos braços, precisando sair mais cedo ou chegar mais tarde. No ciclo junino, nas apresentações nos arraiais, vi essa bebê com uma mini camiseta da Raio de Sol, laço no cabelo na cor amarela, passando noites e madrugadas no colo de outras pessoas, de dentro da quadrilha e de fora dela, oferecendo o suporte para que essa mãe pudesse participar da dança. Essa dama, Cacá, em seu relato diz:

Falando sobre minha experiência em 2024. Vamos lá. Foi mais difícil, né? Em 2023, eu descobri que estava grávida, né? Já no finalzinho do ciclo juninho. Dancei em 2023 já grávida, mas não sabia. Descobri no mês de agosto pra setembro que eu estava grávida. E aí ficou uma confusão na minha cabeça, se eu ia dançar ou se eu não ia em 2024, se eu ia ou se eu não ia... E aí decidi não dançar. Só que quando eu fui pra festa da tardezinha da Raio de Sol, quando eu vi aquele figurino... Não, eu tenho que dançar, tenho que dançar, eu vou dançar! Não sei como, mas eu vou dançar! E aí foi um sufoco, porque foi um conflito com o meu marido, porque meu marido não queria que eu dançasse, eu disse que é a única coisa que eu fazia, gostava de dançar, que eu amo dançar quadrilha. É a minha paixão dançar quadrilha, né? [...] Foi difícil, difícil demais, né? Porque ela só tinha 4 meses de vida, né? E ela foi pra todos os arraiais. Todos. [...] Era o processo, porque tinha que ir pro ônibus, cuidar de mamar. Foi uma luta, mas eu consegui. Graças a Deus, né? E hoje era a mascotinha da quadrilha.

Minha bebezinha aguentou o rojão. Mas foi luta. Foi a luta que ficou pra minha história, assim sabe? (Cacá)

Em sua fala, a entrevistada divide conosco a resistência do marido em aceitar essa situação, mas sua imensa vontade de dançar, seu deslumbramento com a saia longa, apresentada na “tardezinha”, um evento de lançamento do tema e dos figurinos do ano de 2024 na Quadrilha Junina, fizeram com que essa quadrilheira enfrentasse qualquer desafio.

Quanto fiz a pergunta para Mayara, mãe-solo, se para ela as mulheres enfrentam mais desafios para participar da quadrilha junina, ela comentou:

Eu acho que sim, é mais desafiador sim. Para a mulher é mais desafiador tudo, né? E no meio de quadrilha junina não é diferente. Principalmente mulher que é mãe, falar por mim, né? É muito desafiador. Graças a Deus que eu tenho uma mãe que me apoia e que me incentiva também a participar. No momento que eu não posso levar Pedro para o ensaio, ela fica com o Pedro ou se não ela vai comigo também, me auxilia, mas falo também para outras mães que eu vejo que não tem essa rede de apoio e que precisa levar os filhos para os ensaios, é bem mais desafiador, porque aí você precisa ensaiar, precisa prestar atenção no filho, eu já vi várias cenas de mães ensaiando com o filho no colo para poder pegar os passos. (Mayara)



Cacá com sua filha Lara. Maio de 2024.
Foto: Emanuele Catarine

A existência de uma rede de apoio, como apontado por Mayara, parece imprescindível para que seja possível a participação dessas mães nas quadrilhas juninas. Quando esse grupo de pessoas, parentes e amigos, oferecem esse suporte, essa dama pode brincar, mas, sem ele, a intensa rotina de ensaios semanais, durante meses, e a ampla agenda de apresentações no ciclo junino, não são compatíveis com a maternidade, muitas vezes somada a outras jornadas de trabalho.

Além do 'ser mãe', foram levantados outros pontos, também presentes no artigo de Menezes e Miranda (2023) no excerto citado acima. São questões que trazem à tona perspectivas interseccionais, afinal essas mulheres são muito diferentes entre si e foram escolhidas para participar dessa entrevista também a partir dessas especificidades. O termo interseccionalidade nos permite compreender a respeito das desigualdades e a sobreposição de opressões e discriminações existentes em nossa sociedade. Trata-se de uma ferramenta analítica importante para pensarmos sobre as relações sociais de raça, sexo e classe, pois lança luz para a interação entre dois ou mais fatores sociais que definem uma pessoa, destacando que esses aspectos não afetam uma pessoa separadamente.

Bruna, como mulher branca, ressalta:

E também eu percebo que, na maioria dos grupos juninos, os papéis de destaque como noiva, noivo, rei, rainha, esses papéis de destaque geralmente são protagonizados por pessoas brancas. Ainda existe um racismo velado que permeia no universo junino. Eu observo isso a partir de uma perspectiva de privilégio, mas que consegue perceber várias questões relacionadas a esses marcadores sociais, apesar de não estar sendo atingida por eles diretamente e eu não ter passado por nenhuma situação específica que tenha sido ocasionada por esses marcadores. (Bruna)

Ao observar os arraiais, de uma maneira geral, é possível notar a presença dessa fala de Bruna para estas posições de destaque. No entanto, em entrevista, Marina, uma quadrilheira negra de pele retinta, expressa: “dificuldade na quadrilha por ser mulher e preta nunca tive, graça a Deus, desde que cheguei na Raio sempre fui bem recebida e bem tratada.” (Entrevista Marina). Percebe-se, então, que mais complexidade está posta, por um lado as quadrilhas são espaços de acolhimento a pessoas pretas, da mesma forma que acolhem a diversidade sexual e de gênero, mas, em outros momentos, acabam por repetir e reforçar o racismo estrutural de nossa sociedade.

Quanto às questões de classe, outra contradição, pois, as quadrilhas são feitas majoritariamente por pessoas periféricas, contudo, sem as políticas públicas necessárias, grupos se vêem em uma situação em que cada componente precisa arcar com os custos de seu figurino. Ou seja, as quadrilhas são auto financiadas e a existência de algum dinheiro como a premiação de um concurso do ano anterior ou uma emenda parlamentar são direcionadas para os cenários e outros investimentos gerais, de modo que cada componente para participar da brincadeira paga por sua própria roupa. Elas não são baratas, atualmente, na Raio de Sol, por exemplo, os figurinos custam em torno de mil reais, podendo ser muito mais caras em outras quadrilhas. Sem condições para efetuar esse pagamento, muitas damas recorrem a diversas ações como rifas, “vaquinhas”, venda de lanches, entre outros.

E o que não me fazia estar presente dançando era justamente conhecer pessoas que dançavam e a fala era sempre, aí é muito caro, aí você gasta muito. Então, assim, pra mim não era uma possibilidade durante muito tempo, né? Era uma vontade muito grande, me emocionava, me arrepiava, torcia, gritava, mas não me via pertencente ao fazer ali na dança, na arte mesmo, por causa dessa questão financeira.[...]. A brincadeira, ela não é vista como algo infelizmente profissional dentro da arte, como uma arte profissional, por ser um brinquedo popular. Então a gente não é pago por isso. É uma dedicação de um ano inteiro que não é remunerada. Então assim, eu sabia que eu ia gastar, eu já tinha sido alertada desde antes de eu entrar. Então é isso. Mas eu entendi que eu ia conseguir realizar esse sonho. Então 2024 veio aí. (Larissa)

No relato de Larissa, evidencia-se como a barreira financeira foi um dos principais obstáculos para sua participação na dança das quadrilhas juninas. Esse alto custo envolvido na participação é um fator limitante e é constantemente superado com muito esforço por parte daqueles que insistem em agregar esse espaço artístico mesmo diante das dificuldades econômicas. Como colocado pela entrevistada, artistas das quadrilhas juninas além de não serem remuneradas, pagam para fazer sua arte e manter viva essa cultura junina. Larissa também destaca: “Eu acredito que esses homens, eles são a maioria mais livres para brincar, né? Tendo em vista que a quadrilha junina é uma brincadeira, então até por questão financeira e diversos fatores.” (Larissa). Essa fala indica que para ela as questões financeiras são ainda mais desafiadoras para as mulheres.

2.2 - Lugares políticos das mulheridades no contexto das quadrilhas junina

As quadrilhas juninas, como já discutido em outros momentos deste trabalho, são espaços de disputas e negociações sobre gênero, sexualidade e pertencimento. Tratam-se de movimentos complexos em termos de sociabilidade, arte e política. Ao se debruçar sobre a participação das mulheridades nesse contexto, torna-se visível um cenário onde tensões são atravessadas por questões de gênero, sexualidade, classe e raça. Embora marcadas pela ludicidade da cultura popular, essas manifestações carregam em seu corpo social contradições históricas e atuais que moldam os lugares ocupados por mulheres cis, mulheres trans, travestis e outras expressões dissidentes de feminilidade.

Um dos primeiros motivos que impulsionou a presente pesquisa foi a constatação da predominância masculina nesses grupos. Bruna relata que:

As quadrilhas juninas são majoritariamente feitas e compostas por homens, até porque além dos homens que reproduzem o papel de cavaleiros, que geralmente são 50 homens reproduzindo esse papel, além desses homens, existem também as chamadas damas G, que são homens, que na maioria das vezes são homens gays, que performam uma dama, se montam de dama, se caracterizam de dama e dançam como tal. Então, majoritariamente é composto por homens. (Bruna)

Esse depoimento expõe como a lógica binária e cisheteronormativa dos papéis — cavaleiro e dama — se mantém presente, ainda que tensionada por outras expressões de gênero e sexualidade. Se, por um lado, homens gays ocupam espaços femininos por meio da performance das Damas G, por outro, mulheres cis e trans podem ainda enfrentar certas barreiras para expandir suas possibilidades de atuação, sendo restritas a papéis tradicionalmente femininos e cobradas por uma feminilidade idealizada.

A entrevistada Larissa também reforça essa percepção ao afirmar que acredita haver mais homens nas quadrilhas, destacando a liberdade que eles possuem para brincar:

Tem muito cavalheiro que é homem, né? E não tem muitas mulheres que são cavalheiras. Então, olhando para esse ponto, eu acredito que são mais homens. E eu penso mesmo na disponibilidade de brincar, né? Eu acredito que esses homens, eles são a maioria mais livres para brincar, né? Tendo em vista que a quadrilha junina é uma brincadeira, então até por questão financeira e diversos fatores. (Larissa)

Esta fala evidencia como as desigualdades de gênero atravessam a própria organização dos tempos e corpos dentro das quadrilhas. Enquanto homens possuem maior liberdade para dedicar-se à “brincadeira”, as mulheres enfrentam obstáculos que vão desde a sobrecarga do trabalho doméstico e materno até a limitação financeira. Maylanna pontua:

Rapaz, eu acho que existem sim mais homens do que mulheres nas quadrilhas juninas. Eu acho que um primeiro ponto talvez possa ser a maternidade, que eu acho que afasta muitas mães do ciclo junino. Eu acho que a segunda opção também seria a orientação sexual, sabe? Eu acho que tem muito homem que se veste de mulher e acaba ocupando o lugar de muita dama, aí acaba que existem mais homens, sim acho que em qualquer quadrilha, toda quadrilha na verdade, acho que sim existem mais homens do que mulheres. (Maylanna)

Este trabalho não coaduna com qualquer forma de discriminação a participação dos diversos corpos em diferentes papéis dentro de uma quadrilha junina. Sem dúvidas deve haver espaço para todos, todas e todes, no amplo espectro de gênero e sexualidade, nesta manifestação cultural e em toda sociedade. O que compete a esta pesquisa é, diante do seu recorte, lançar um olhar para as mulheridades neste festejo. Torna-se então, um dado relevante que, segundo as entrevistadas, a quantidade de mulheres participando em geral é menor do que a quantidade de homens. Entre os principais motivos que se repetem nas entrevistas sobre a dificuldade de atuação das mulheres, neste caso mulheres cisgêneras, pois o debate nesta situação não abrange mulheres trans e pessoas que gestam, é a questão da maternidade. A noção de maternidade, tão central na construção social do feminino normativo, torna-se aqui um fator de exclusão. Muitas mulheres deixam de participar devido às demandas familiares, enquanto outras são desencorajadas pela incompreensão social sobre a arte junina, como relata Mayara:

Eu acredito que é mais formado por homens pelo fato que eu já disse, né? Da maternidade e também acho que é pelo julgamento da sociedade. Muita gente não entende o que é isso quadrilha junina. Não entende a arte, né? E banaliza, diz que não é coisa para mulher não... diz que é coisa de gente desocupada e não entende”. (Mayara)

Além dessa questão machista do “lugar de mulher não é em quadrilha junina”, vindo de “fora para dentro”, uma entrevistada também relatou que o

machismo também, para ela, se manifesta nas relações cotidianas dentro das quadrilhas. Ela narra a experiência de assédio vivida por parte de um colega que inicialmente demonstrava atenção apenas para, posteriormente, deslegitimar sua fala quando percebeu que não havia reciprocidade afetiva: “A partir do momento que eu demonstrei e disse que não tinha interesse [...] passei a não ser ouvida mais, né? A não ser ouvida com atenção ou com validação mínima”.

Esse mesmo integrante, segundo a entrevistada, também protagonizou episódios de racismo recreativo, evidenciando como as opressões podem se entrelaçar dentro dos grupos juninos, afetando as mulheres negras de maneira específica.

Outras entrevistas, no entanto, afirmam não reconhecer qualquer tipo de machismo ou violência de gênero dentro das quadrilhas e quando perguntadas sobre o tema responderam com frases como: “comigo nunca aconteceu, Graças a Deus”, ou “sempre fui muito bem acolhida e bem tratada”. Esses comentários, certas vezes, deixavam rastros de receio ou de impossibilidade de uma perspectiva mais crítica. Em outros, no entanto, era evidente a real celebração da quadrilha como um espaço de acolhimento e resistência. Joane colocou que encontra, dentro do ciclo junino, um ambiente político e afetivo que possibilita sua expressão e atuação como mulher trans:

Por incrível que pareça, dentro do movimento é o único espaço onde eu encontro ainda um pouco de conforto. Por ser um espaço político, a arte é também um ato de política e a Raio do Sol é um grupo que traz muito isso como prioritário [...] Eu sempre vi as identidades LGBTQs que ia mais, especialmente as mulheres trans e travestis construindo, protagonizando, sendo líderes. Então eu encontro essas possibilidades e vejo ainda esperança na continuidade na permanência dessas corpos dissidentes sabendo, construindo e liderando a arte junina. (Joane)

Ainda assim, Joane reconhece as limitações persistentes na representação da diversidade de corpos e identidades. Em sua análise, aponta a cobrança por padrões de feminilidade cisnormativa e defende a ampliação dos papéis para mulheres lésbicas, trans e não-binárias, inclusive ocupando funções tradicionalmente masculinas: “Eu queria muito ver mulheres expressando a arte do cavaleiro [...] até mesmo mulheres trans, desfem, querendo expressar o personagem masculino dentro da quadrilha, até porque quadrilha é sobre teatro também, é teatralidade, né? (Joane)

Por fim, nestas reflexões sobre os lugares políticos das mulheridades nas quadrilhas juninas, é preciso demarcar o quanto as entrevistas demonstram avanços na presença feminina em posições de liderança e na ampliação dos temas abordados nas narrativas encenadas. Como relata Marina: “as mulheres nas quadrilhas são muito importantes, não só na dança, mas na organização, na direção, na criação da quadrilha”. E, em complemento, outra entrevistada afirma:

Hoje já se vê mulheres marcando quadrilha, que é também marcatriz, né? Que chama, que marca e interpreta ao mesmo tempo. Estão ganhando uma visibilidade maior nas histórias. Também antes a mulher só era, antigamente, a mulher era só a noiva, né? O papel da noiva, ela tem o papel de dizer sim e pronto, hoje não, hoje já tem uma história envolvendo, já tem quadrilha falando de feminicídio, falando da visibilidade mesmo da mulher... as quadrilhas já estão pegando as histórias... colocando a mulher como protagonista. E também as quadrilhas agora tem mulher como presidente, tem mulher coreógrafa, eu acredito que, de um tempo para cá que ela vem ganhando espaço. Poderia ser mais... mas vem ganhando um espaço maior... (Mayara)

Assim as quadrilhas juninas tornam-se mais um território político no qual as mulheridades seguem lutando por reconhecimento, representatividade e liberdade de expressão. São mulheres ocupando espaços, “muitos lugares em sociedade, que antes nos diziam não poderíamos estar ou que não poderíamos fazer.” (Marina).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso buscou compreender os lugares das mulheridades nas quadrilhas juninas, tendo como estudo de caso a Quadrilha Junina Raio de Sol-PE. A pesquisa revelou que, diante do evidente binarismo de gênero presente na manifestação, importantes reflexões se apresentam.

Nesta performance do gênero feminino, vivenciada na ‘heterossexualidade e cisgeneridade coreográfica’ (Noletto, 2017) durante a dança, a repetição da feminilidade instaura um quadro normativo que limita e possibilita a constituição de identidades, oportunizando o reforço e a subversão das normas dominantes. (Butler, 2022)

Assim, as damas nas quadrilhas juninas foram analisadas como espelhamentos sociais das mulheres na sociedade ocidental, de modo a propor problematizações dessas normatizações e bases patriarcais, ao mesmo tempo em

que revelaram-se as realizações das mulheridades que conquistam e ocupam espaço nessa manifestação cultural e na sociedade de forma geral.

Através do caminho metodológico das entrevistas semi-estruturadas com mulheres quadrilheiras, durante o trabalho foram compartilhadas percepções e perspectivas sobre o 'ser dama' e assim foram tratados importantes elementos entre os charmes e gingados das saias a respeito dos lugares políticos das mulheridades no contexto das quadrilhas juninas.

O presente trabalho configurou-se como um estudo de caso, pois cada Quadrilha Junina tem suas particularidades e características, ainda que existam semelhanças e cruzamentos entre as experiências. Considerando os limites de um TCC, uma quadrilha com a qual tinha maior proximidade foi escolhida para a pesquisa, ainda que no movimento quadrilheiro ela seja conhecida por não ter damas dentro dos padrões de beleza e feminilidade mais habituais do contexto junino. Isto não quer dizer, no entanto, que essa quadrilha não tenha o seu modo de ser dama, com referenciais próprios do que é ser belo e feminino.

O estudo compreendeu as quadrilhas como territórios políticos nos quais as mulheres continuam a enfrentar desafios estruturais e reivindicar visibilidade. Portanto, este trabalho evidencia que, apesar das permanências das tradicionais normatividades e binarismos de gênero, as mulheridades seguem tensionando e ampliando suas presenças, reafirmando a potência dessa dança como um local de disputa, resistência e expressão da diversidade.

Mesmo sendo tradição, as coisas podem mudar. Eu acredito que com a quadrilha junina... Eu desejo, pelo menos, que esteja perto de mudar isso, né? Porque querendo ou não os brinquedos populares são retratistas. Eles trazem o retrato de uma sociedade. Então como se tem esse modelo de homem e mulher, de casal, do homem que é o forte e a mulher que é elegante e sutil, né? Eu acredito que hoje a gente já tem outros exemplos dentro, mesmo que antes já existia, mas hoje a gente tem exemplos e são debatidos esses exemplos de outras performatividades dentro de uma sociedade. Então, de mulheres exercendo diversos papéis, de homens exercendo diversos papéis, de pessoas não binárias exercendo diversos papéis. Então eu acredito que daqui a um tempo, espero que curto, ser dama seja completamente outra coisa. Ser cavalheiro seja completamente outra coisa, ou que nem seja só dama e cavalheiro, né? Que sejam outros nomes, por exemplo, que sejam outras ideias, né? De dançar em coletivo. Larissa)

Que nesse espelhamento social, o lugar das mulheridades, em uma sociedade patriarcal e misógina, possa ser transformado. Dessa forma, o trabalho intencionou contribuir para as pesquisas em cultura popular, mas também para os

debates sobre gênero e representatividade. Espera-se que futuros estudos possam aprofundar essas questões e explorar novas dimensões das experiências sobre as mulheridades dentro das quadrilhas juninas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROSO, Hayeska Costa. “O São João é gay!”: horizontes interpretativos sobre as performances trans na festa junina no Ceará. *Revista Periódicus*, Salvador, n. 6, v. 1, 2017.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação Masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BUTLER, Judith. *Desfazendo Gênero*. São Paulo. Editora Unesp, 2022.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. 22^a Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

CASTRO, Thiago Silva de. “São João de cores, esse show vai começar!”: gênero, sexualidade e vivências LGBTQI+ no contexto da festa junina cearense. Orientador: Antonio Cristian Saraiva Paiva. 2023. 284 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-graduação em Sociologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

CHIANCA, L. D. O. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 10, n. 1, 2007. DOI: 10.5216/sec.v10i1.1722. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/1722>. Acesso em: 16 jan. 2025.

CHIANCA, L. D. *São João na cidade: ensaios e improvisos sobre a festa junina*. João Pessoa, UFPB, 2013.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LIMA, P. G., & ALBERNAZ, L. S. (2013). Gênero e cultura popular: relações de poder, posições e significados da participação das mulheres nos grupos de bumba-meu-boi do maranhão. *Revista Sociais e Humanas*, 26(3), 489–508. Recuperado de <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/2836>

LINS, Beatriz Accioly. *Diferentes, Não Desiguais: a questão de gênero na escola/* Beatriz Accioly Lins, Bernardo Fonseca Machado e Michele Escoura - 1ª Edição - São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

MELO, Liana de Queiroz. “Na minha quadrilha só tem gente que brilha”: corporalidades dissidentes e direitos humanos nas quadrilhas juninas do Recife/PE. Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. 2018

MENEZES NETO, Hugo. *O Balancê no Arraiá da Capital: quadrilha e tradição no São João do Recife.* Recife: Do autor. 2009

MENEZES NETO, Hugo; MIRANDA, Marcelo. *Novas damas no arraial: notas sobre a experiência festiva de mulheres trans e travestis nas quadrilhas juninas de Pernambuco.* Revista *Anthropológicas*, v. 33(2), n. 26, p. 214-245, 2022.

MENEZES NETO, et al. (orgs). *Afetividades juninas: festas, fotografias e sentimentos - Fotos Paulinho Mafe.* Recife: EDUPE, 2024.

NASCIMENTO, José Roberto. *Entre Damas e “Outras Damas”:* um estudo sobre as travestilidades nas quadrilhas juninas da Região Metropolitana do Recife. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Dança. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. 2017

NASCIMENTO, Leilane. *Crianças brincantes: sentidos de continuidade das quadrilhas juninas (Região Metropolitana do Recife).* Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. 2013

NOLETO, Rafael da S. “Brilham estrelas de São João!”: gênero, raça e sexualidade em performance nas festas juninas de Belém – PA. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2016

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & realidade, v.20, n.2, p.24-34, 2008.

APÊNDICE

Roteiro para entrevista semiestruturada

- 1- Pode me contar um pouco sobre você? Como começou sua relação com as quadrilhas juninas?
- 2- O que dançar quadrilha representa para você? Como isso influencia sua vida?
- 3- Na sua opinião, o que é ser dama em uma quadrilha junina? Quais são as características desse papel?
- 4- Você se identifica com as características atribuídas a uma dama?
- 5- Você acredita que por ser mulher já vivenciou situações específicas em ensaios ou apresentações de quadrilha juninas? Pode compartilhar algum exemplo?
- 6- Você já enfrentou desafios em participar de quadrilhas juninas devido ao fato de ser mulher com seus marcadores sociais, como classe, raça ou sexualidade?
- 7- Na sua percepção, as quadrilhas juninas no geral são formadas mais por homens ou por mulheres? O que você acredita que motiva essa composição?
- 8- Como você percebe a representação da mulher nas quadrilhas juninas? Isso reflete as mulheres reais e/ou reforça algum estereótipo?